

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO**

FERNANDO ALBERTO SILVA

BATALHA DAS GERAIS:

A importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana.

Mariana
2023

FERNANDO ALBERTO SILVA

BATALHA DAS GERAIS:

A importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana.

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin

Mariana
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586b Silva, Fernando Alberto.

Batalha das Gerais [manuscrito]: a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana. / Fernando Alberto Silva. - 2023.
58 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Centros culturais. 2. Comunicação e cultura. 3. Hip-hop (Cultura popular). I. Bravin, Adriana. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 323.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Fernando Alberto Silva

Batalha das Gerais: A importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 29 de março de 2023

Membros da banca

Profa. Dra. - Adriana Bravin - Orientador(a) - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. - Evandro José Medeiros Laia - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Pro. Dr.- Claudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Adriana Bravin, orientadorado trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Bravin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/04/2023, às 19:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0516427** e o código CRC **01CD5543**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Marta Alberto, por sempre ter me influenciado a buscar e expandir meus conhecimentos, o que culminou em minha busca por cursar o ensino superior. Agradeço à minha orientadora, Adriana Bravin, por ter tido tamanho empenho e paciência, somando comigo e sendo um grande pilar de apoio nesta pesquisa, me ajudando a apurar meus olhares e expandir as perspectivas diante deste trabalho. Agradeço ao hip-hop, por ter sido minha escola quanto à vivência, entendimento, aprendizado e lazer. Agradeço aos meus antigos companheiros de banda – TanamenteRap & Gang do Cifrão (\$G) –, ao DogDuBeats por ter sido quem me inseriu no rap, saindo do campo de ouvinte e passando a produzir e fomentar este gênero. Ao Rich Braza, pelas diversas vivências na “\$G” e na Batalha das Gerais. A AIDIAX de Lucas Silva e Paulo Sérgio. Agradeço à Thamira Bastos e a Jordânia Marçal, companheiras de Batalha, minhas referências enquanto pessoas e profissionais, e duas partes cruciais em minha pesquisa. Agradeço ao Pedro Souza, por ter se mostrado solícito e ter se disponibilizado a colaborar com minha pesquisa. Agradeço à Batalha das Gerais, esse movimento cultural que me possibilitou entender sobre ressignificação, ocupação, e me deu a perspectiva do que é a cultura vista de dentro de um movimento. Sou muito grato por todas as experiências e vivências tidas dentro da Batalha, é imensamente gratificante reunir e registrar a trajetória desse movimento que mudou a vida de muitas pessoas dentro e fora da cidade de Mariana (MG). Agradeço também aos professores e professoras do curso de Jornalismo da UFOP que colaboraram com seus conhecimentos ao longo do curso, dentro desta universidade pública, fruto da expansão das universidades pelo Reuni, e da inclusão de grupos sociais cuja presença era restrita nesse ambiente.

*“Festejar o direito de lutar
Lutar pelo direito de festejar
Pra quem luta pela vida
Oh vida bandida, sofrida, mal compreendida
Lutar pra ser feliz
Eu te proponho
Pelos mais e melhores dias de nossas vidas”.*

Mano Brown.

RESUMO

Esta monografia é uma análise do movimento cultural Batalha das Gerais, de Mariana (MG), com o intuito de entender e expor o quanto reivindica a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais de projeção, visibilidade e reconhecimento a partir da realização de batalhas de rima. A partir dos fundamentos de pesquisa aplicados à autoetnografia, foi feito um processo de observação e imersão no movimento cultural com o intuito de descobrir e registrar o quanto essa manifestação tem um papel importante no âmbito cultural e social nos espaços públicos de Mariana. Além da pesquisa autoetnográfica, os pensamentos e análises usados para compor este trabalho foram pautados nas perspectivas dos afetos na pesquisa acadêmica (MORICEAU, 2020), nas artes de fazer (CERTEAU, 2014), na observação de fenômenos urbanos (JACOBS, 2007) e na pesquisa social (GIL, 2008). Este trabalho conta a história do movimento cultural Batalha das Gerais e expõe a busca dessa manifestação periférica por seu espaço próprio dentro da cidade de Mariana. Nessa trajetória, abordam-se alguns dos espaços públicos de socialização da cidade – mais em específico as praças –, percorre-se parte da história do hip-hop no Brasil, e resgata-se também parte da luta do movimento cultural de batalhas de rima para se manter ativo.

Palavras-Chave: Comunicação; Movimento Cultural; Hip-hop; Afetos; Autoetnografia.

ABSTRATC

This monograph is an analysis of the cultural movement Batalha das Gerais, from Mariana (MG), with the aim of understanding and exposing how much it claims the importance and the right to occupy social spaces of projection, visibility and recognition from the realization of rhyme battles. Based on the research foundations applied to autoethnography, a process of observation and immersion in the cultural movement was carried out in order to discover and record how much this manifestation has an important role in the cultural and social sphere in the public spaces of Mariana. In addition to autoethnographic research, the thoughts and analyzes used to compose this work were based on the perspectives of affections in academic research (MORICEAU, 2020), in the arts of making (CERTEAU, 2014), in the observation of urban phenomena (JACOBS, 2007) and in social research (GIL, 2008). This work tells the story of the Batalha das Gerais cultural movement and exposes the search for this peripheral manifestation for its own space within the city of Mariana. In this trajectory, some of the public spaces of socialization in the city are approached – more specifically the squares –, part of the history of hip-hop in Brazil is covered, and part of the struggle of the cultural movement of rhyme battles is also rescued to stay active.

Keywords: Communication; Cultural Movement; Hip hop; Affections; Autoethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira Batalha das Gerais realizada na Praça Minas Gerais.	18
Figura 2 - Batalha das Gerais na Praça Gomes Freire	23
Figura 3 - Público da Batalha das Gerais na Praça Gomes Freire	27
Figura 4 - Batalha das Gerais na Praça Minas Gerais	32
Figura 5 - Sant no evento "Batalha Das Gerais - Conciência Negra" no Jardim	36
Figura 6 - Parte da equipe de produção e DJ's da Batalha das Gerais.	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. TUDO NOSSO, NADA DELES	17
3. O HIP-HOP, O RAP E AS BATALHAS	26
4. A BATALHA NA PRAÇA	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

Em nosso dia-a-dia transitamos por diferentes lugares e nos deparamos com os mais diversos acontecimentos e surpresas em nosso cotidiano. Muitas vezes, não nos damos conta de como simples atos, impregnados em nossa rotina, influenciam quanto à organização e configuração dos espaços e lugares que frequentamos, criando modificações e significados que não seriam existentes sem o uso e a atribuição de sentido por parte de quem os frequenta. Assim é com as diversas manifestações culturais e artísticas que ocupam e fazem histórias nos espaços mais diversos e muitas vezes inusitados. Ruas, praças, viadutos, calçadas, todos são um espaço em potencial para o nascimento da arte e da cultura, basta que haja pessoas e a vontade de desfrutar dos prazeres e da beleza dessas manifestações.

Esta pesquisa busca compreender como o movimento cultural Batalha das Gerais – apelidada pelos seus frequentadores de BDG –, de Mariana-MG, que realiza batalhas de rima nesta cidade, busca abrir espaço para apresentações de artistas independentes, criando um cenário que fomenta o hip-hop através da música e do Rap (*rhythm and poetry*, ritmo e poesia, em inglês), e reivindicar a importância e o direito à ocupação de espaços sociais de projeção, visibilidade e reconhecimento, a partir de seus usos e consumos.

Uma hipótese deste trabalho é que tais apropriações, a partir de movimentos táticos (CERTEAU, 2014), como o colocado em curso pelo coletivo Batalha das Gerais, podem promover a composição de “espaços culturais ativos”, que seriam aqueles em constante atividade na disseminação de cultura – como o da Praça Gomes Freire, em Mariana, reivindicado pelo movimento –, criando um vínculo entre as pessoas e oportunidades para artistas de rua, além de propagar a cultura hip-hop. Desse modo, acredita-se que a cultura periférica, ao ir até o centro (da cidade) e ocupar a região com suas subjetividades e experiências, torna-se parte dela.

Partindo da observação participante (GIL, 2008) e das minhas próprias experiências neste coletivo, busca-se neste trabalho compreender a Batalha das Gerais de maneira ampla, a partir de um olhar que vem “de dentro para fora”, partindo do interior do movimento e indo em direção ao público. Como membro deste movimento e coletivo cultural e tendo o acompanhamento desde seu surgimento, em 2015, usei como referências minhas percepções durante a trajetória da BDG para compor parte do percurso metodológico da pesquisa, assim como entrevistas realizadas com integrante e participante do movimento, para realizar uma análise dos acontecimentos e ações deste movimento cultural, no ano de 2022.

A escolha por analisar as atividades da Batalha das Gerais neste período se deu por este ser o momento de retorno do convívio social após a fase mais crítica da pandemia de COVID-19, que cerceou o convívio social e a realização de eventos públicos nos anos de 2020 e 2021. É importante ressaltar também que, mesmo após a pandemia e com o retorno de atividades públicas, este movimento cultural enfrentou diversas dificuldades para voltar a realizar seus eventos e fazer uso dos espaços públicos que ocupou no decorrer de sua existência.

O percurso metodológico desta pesquisa busca promover reflexões a partir da abordagem afetiva da comunicação (MORICEAU, 2020), segundo a qual a experiência comunicacional pode se aproximar da experiência estética, ou seja, do “momento singular, transformador de nossa subjetividade em contato com as forças do sensível”, valorizando-se a experiência (MARQUES; MENDONÇA; PESSOA, 2020, pág. 12). Nessa perspectiva, essa abordagem pode ser tecida em quatro momentos que se entrelaçam no texto ou na “escrita performativa”, como esclarece Moriceau (2020). São eles: momentos estético, poético, ético e político.

O momento estético diz respeito às primeiras impressões, quando não conhecemos a fundo o que está sendo observado, não temos explicações e nos propomos a entender o que é exposto para nós, seja uma música ou uma peça teatral. O momento poético acontece na tentativa de se produzir sentido sobre o primeiro contato, e com isso recebe-se um turbilhão de informações e ideias que irão se movimentar e se conectar a partir do senso criativo. O momento ético diz respeito ao nosso posicionamento diante das novas situações às quais somos expostos, mas que se alteram devido aos nossos entendimentos quanto às situações e à nossa presença em cena. Por fim, o momento político é quando acontecem os conflitos, quando as diferenças vêm à tona para nós (MORICEAU, 2020, pág. 160).

Quando se trata dos afetos, o intuito é não somente expor o que está proposto na pesquisa, mas trazer à tona reflexões a partir dessas afetações. Debruçar-se sobre os caminhos e processos de forma reflexiva, indo além do que a teoria nos entrega em um primeiro contato. A experiência estética só é possível quando se deixa afetar e se observa de perto o fenômeno. Moriceau propõe essa forma de abordagem a partir da “virada afetiva”, partindo de

(...) novas possibilidades epistemológicas e novas práticas metodológicas: um modo de pesquisa no qual o pesquisador se deixa guiar pelos afetos, se permite mover pela situação, como ponto de partida da reflexividade. Não se trata de extrair uma representação mais rica dos acontecimentos experienciados, mas de aceitar

mergulhar no concreto, no vivido, na porção parcial, local, específica, relacional e estética da experiência (MORICEAU, 2020, págs. 12 e 13)

Desse modo, a experiência estética que nos afeta e nos move não poderia ser examinada à distância, mas devemos estar próximos a ela, vivenciá-la e nos deixar afetar por ela. Quando se trata de uma abordagem afetiva deve-se considerar, ainda, “o corpo, as impressões, sensações, efeitos de prazer e de incômodo, estranhamento e familiaridade, os espaços e relações de poder que envolvem sua emergência, as capacidades de expressão que ela nos fornece e os movimentos aos quais ela dá origem.” (MARQUES; MENDONÇA; PESSOA, 2020, pág. 14).

Ainda nessa abordagem, o narrador não se mantém distante dos acontecimentos, mas produz a sua escrita a partir de um relato autoetnográfico, “sem colocar a si mesmo como herói que supera um assalto, ou como vítima”, explica Moriceau a respeito dessa experiência relatada por Lingis quando este sofre um assalto e, ao relatar o acontecimento, expõe por completo sua experiência se atentando a detalhes como a movimentação dos corpos, os olhares e toda interação em meio àquele momento de tensão, criando uma abordagem única para descrever o assalto sofrido (MORICEAU, 2020, pág. 141).

Isso deixa clara a importância de descrever o afeto e como ele o transpassa indo ao encontro do corpo e de quais foram as percepções de Lingis quando tomado de assalto e feito refém. Como lembra Moriceau a respeito da experiência afetiva na escrita, “o desafio maior é como transmitir o afeto e o movimento se não captamos as singularidades, espessuras e sutilezas das experiências, se não estivermos em contato com os afetos que nos modificam e, assim, modificam nossa escrita” (2020, pág. 137). Nessa chave de interpretação entre a abordagem afetiva e o relato autoetnográfico faz-se necessário compreender esse método de pesquisa advindo da etnografia.

A autoetnografia é um método em que o pesquisador se deixa imergir no campo de pesquisa e, a partir de suas experiências e perspectivas, constrói seus relatos, buscando entender o que se propõe a investigar. Nesse sentido, (...) o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). (SANTOS, 2017, p. 219)

Tomando como referência minhas experiências e vivências acompanhando a Batalha das Gerais, desde 2015, como DJ do movimento e amante dessa cultura, farei uso, ao longo

desse trabalho de conclusão de curso, de relatos autoetnográficos para expor acontecimentos que pude presenciar, no decorrer desses anos, assistindo uma atitude despretensiosa se tornar o primeiro movimento de batalha de rimas da cidade de Mariana, que por muito tempo foi o único polo de fomento da cultura hip-hop na cidade. Os relatos serão apresentados ao longo dos capítulos do trabalho de forma narrativa, em *itálico*, com o intuito de ilustrar e trazer um pouco do que foi experienciado nas Batalhas.

A escolha pelo uso dos relatos autoetnográficos em *itálico* veio com o intuito de criar uma quebra de padrão quanto aos formatos usuais de textos acadêmicos, uma forma de desconcerto dessa linguagem, dando destaque aos relatos de forma que eles destoassem visualmente do restante do texto. Alguns destes relatos estarão acompanhados de imagens de registro – fotografias – que conversam com o contexto relatado, ilustrando o que desejei passar em cada fragmento de experiência tida durante os eventos da Batalha.

Neste lugar de participante e observador do movimento, outro método abordado foi o da observação participante, em que o pesquisador se propõe a ser membro do grupo e participa ativamente da vida e das trocas de conhecimento. Compreendendo essa dupla vinculação como desafiante – participante e observador do movimento cultural – tomamos a observação participante (GIL, 2008) como natural uma vez que já fazíamos parte da comunidade ou grupo o qual investigamos. Segundo Gil (2008), quando se trata da observação participante, o pesquisador se coloca dentro do campo de pesquisa, o que faz criar proximidade com o meio investigado e levanta reflexões mais profundas sobre o tema buscado. Durante o acompanhamento da Batalha das Gerais por todo o ano de 2022 participei das reuniões de articulação – feitas online e presencialmente –, e estive presente em todos os eventos realizados pelo coletivo.

Em busca de obter outras perspectivas quanto ao movimento cultural e sua importância foram feitas também duas entrevistas, na busca de abrir o leque de perspectivas quanto ao movimento cultural e a cidade de Mariana. Foram entrevistados Jordânia Marçal – mulher preta, historiadora e pesquisadora de cultura hip-hop – que é membro da Batalha das Gerais e acompanhou o crescimento do movimento; e Pedro Souza, morador da cidade, atual secretário de Cultura de Mariana, amante da cultura hip-hop e que participou de diversas edições da Batalha das Gerais como MC. Por já possuir contato com os entrevistados, por meio do movimento cultural, fiz uma primeira abordagem por meio do contato pessoal de cada um – celular e Whatsapp –, articulando em seguida a coleta de dados que se deu por

meio de uma entrevista via Google Meet – com a Jordânia Marçal – e via aplicativo Whatsapp – com o Pedro Souza.

A escolha dessas vozes neste trabalho se deu com o intuito de expandir os pontos de vista e experiências aqui expostos, sendo eles tomados de outros ângulos, e as mesmas serão inseridas no capítulo 4, “A Batalha na Praça”. A partir dos conceitos de entrevista pautados no livro “Métodos e técnicas de pesquisa social” (2008), de Antonio Carlos Gil, foi feita a escolha da entrevista informal como método de investigação, a qual possibilita obter uma visão geral do problema pesquisado e a identificação da personalidade do entrevistado, essa escolha foi feita para que as respostas soassem de uma forma mais pessoal e íntima quando se trata das fontes.

Todas as escolhas metodológicas são ainda orientadas pela perspectiva sociológica da teoria das “artes de fazer” de Michel de Certeau (2014) e a abordagem sociológica das cidades de Jane Jacobs (2007). Em “A invenção do cotidiano. 1.As artes de fazer” (2014), Certeau aborda diversos modos de analisar as interações sociais e os modos de organização que compõem os eventos sociais no cotidiano, pensando nas formas de “fazer”. Este autor busca dar ênfase às práticas cotidianas comuns – frequentar lugares, fazer compras, assistir TV, praticar leitura – e tudo o que gira em torno desses processos, pensando através das definições de *espaço, lugar, usos, apropriações, estratégias e táticas*, introduzindo-as com as experiências particulares, as solidariedades e as lutas que se organizam nos espaços, de forma que abram caminhos e delimitam os campos.

Quanto ao livro “Morte e vida das grandes cidades” (2007), Jane Jacobs traz análises sobre o uso dos espaços da cidade e a sociabilidade a partir destes espaços, trazendo pontos de vista sobre os princípios funcionalistas do urbanismo, tomando como perspectiva a vida prática e cotidiana da cidade e dos bairros que se amarram para dar formação à mesma, pautando as interações urbanas vistas de dentro. Ter tido contato com as análises de Jacobs fez com que minha percepção quanto às formas de utilização e ocupação dos locais públicos se transformasse, de forma que eu passei a observar mais os espaços de socialização os quais tenho contato. Foi a partir destas percepções que me foi despertada a vontade de registrar e analisar o movimento cultural Batalha das Gerais, levando em conta o contato deste movimento com diversos tipos de pessoas e espaços em Mariana.

O trabalho está organizado em 4 capítulos, começando por esta Introdução. O capítulo 2, “Tudo nosso, nada deles”, remete à cidade de Mariana e a alguns de seus espaços sociais e recreativos – mais em específico as praças –, levando também às reflexões de Certeau (2014)

sobre *espaço e lugar*. Em seguida, o capítulo 3, intitulado “O hip-hop, o rap e as batalhas”, faz um panorama sobre o início da cena hip-hop no Brasil, explica a dinâmica das batalhas de rima adotadas pela Batalha das Gerais, de Mariana, fazendo um comparativo com o Duelo de MC’s, de Belo Horizonte, e introduz os movimentos estratégicos e táticos abordados por Certeau (2014). O capítulo 4, “A Batalha na praça”, conta sobre os embates enfrentados pela Batalha das Gerais tomando como foco o ano de 2022, e faz uma análise deste movimento cultural, destacando os movimentos estratégicos e táticos (Certeau 2014) os quais a Batalha executa e é exposta, trazendo também as entrevistas feitas com Pedro Souza e Jordânia Marçal.

Ao longo das próximas páginas, reflito sobre o quanto e como a Batalha das Gerais reivindica a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais de projeção, visibilidade e reconhecimento, e o significado dessas batalhas no território urbano de uma cidade colonial mineira, onde “periferia é periferia em qualquer lugar”, como canta o Racionais MC. Nessas reflexões, o trabalho expõe as batalhas pela ocupação dos espaços urbanos pelo hip-hop, que é um movimento cultural global e ao mesmo tempo local, trazendo as particularidades desses embates em Mariana.

Debruçar-nos sobre os espaços sociais que frequentamos é uma experiência magnífica, é um exercício que nos faz ir além de nossas percepções e, a partir dos entendimentos adquiridos com o simples ato de olhar os espaços físicos ao nosso redor, podemos desenvolver junto desses espaços novas formas de utilização e recreação, além de cativar diversas formas de socialização e contato social.

2. TUDO NOSSO, NADA DELES

Nos primórdios da Batalha das Gerais, lá em 2015, na primeira tentativa despreziosa de realizar um evento, era nítido ver que naquela reunião de artistas, gente da universidade, povo jovem de Mariana – cansados de viverem a mesma monotonia de eventos e marasmo na cidade –, gente da periferia, gente dos bairros médios, estavam todos focados em fazer acontecer aquele movimento, em desfrutar da música e das rimas que a primeira batalha de rima da cidade estava nos propondo. Aquela reunião na Praça Minas Gerais era um ato político, jovens ocupando um espaço público por conta própria, para fazer cultura, é um ato político forte. Mas o que, ao meu ver, tomava conta daquelas quase cem pessoas, o que vinha à tona naquelas poucas horas de Batalha das Gerais, era a fome e a vontade de fazer hip-hop. Sem microfones, só com o poder da própria voz e uma caixa de som à bateria, na regência de Gustavo “Djonga” Marques como mestre de cerimônia. Assim nasceu a Batalha das Gerais. Como sujeito preto, periférico, criado na Prainha (Santo Antônio) – bairro o qual vejo desde criança os diversos estigmas que já carregou e carrega até hoje –, saber o que é ocupar de fato um espaço e fazê-lo seu a partir do pertencimento foi algo que ampliou e mudou minha visão de mundo. Todo menor de quebrada, todo preto, todos nós, merecemos ter conhecimento de que podemos sim ocupar espaços e podemos sim fazer com que esses espaços nos representem, sejam nossa casa, nos pertençam. É isso que sinto quando vejo um movimento da periferia, marginalizado e mal falado por quem não sabe 1% da história e da ideologia, tomando para si um espaço que é classificado como público, mas foi criado para impor e representar um tal “poder” que nem liga pra nossa existência, e se dependesse deles nem lá a gente pisava. Uma batalha de rima em uma praça que tem como monumento símbolos com alusão a justiça e a coroa portuguesa em um pelourinho, que era usado para açoitar negros escravizados, vai muito além de apenas uma batalha de rima, essa manifestação se torna um grito, um ato político.

Esse dia deu pra ver que passaram mais viaturas que o normal ali pela praça, mas foi esse o dia em que vários de amantes do hip-hop, vários que escutaram na quebrada Racionais narrar a verdade nua e crua, tipo “Fim de semana no parque”, sentiram que a praça era um pouco de cada um ali. Era nossa aquela praça, era do hip-hop.

Figura 1 - Primeira Batalha das Gerais realizada na Praça Minas Gerais.



Frame de vídeo postado por Thamira Bastos em um evento da Batalha das Gerais, no Facebook (2015).

As experiências a respeito do uso de espaços sociais de lazer, em Mariana, a partir da vivência com o coletivo Batalha das Gerais e as ocupações desses locais “não destinados” à cultura periférica, me desafiaram a refletir sobre os espaços físicos de uma cidade como berços de interações sociais muito importantes para a formação e composição social urbana. As calçadas são um berço para socialização, mesmo que à primeira vista representem somente uma via de passagem, elas permitem que as interações aconteçam e encurtam a proximidade entre a vizinhança. Podemos dizer que ruas bem feitas são de certa forma espaços propícios a serem mais seguros, e ruas vazias e mal cuidadas conseqüentemente serão locais cuja procura para a ocupação será menor ou quase nula, muitas vezes tornando-os lugares hostis.

Em “Morte e vida das grandes cidades”, Jane Jacobs (2007) faz uma análise da organização e disposição das edificações e espaços de socialização que compõem os conjuntos urbanos, ressaltando como essas disposições fazem mudar a forma como grupos de indivíduos que ocupam esses espaços criam suas interações e estabelecem seus limites quanto à proximidade desses contatos sociais. Partindo das análises de Jacobs, compreende-se o quanto as cidades são um grupo de fatores que dependem uns dos outros, de forma que, à medida que uma parte deixa de completar a outra, essa defasagem passa a influenciar de forma negativa, tanto no que as cidades têm a oferecer a seus habitantes quanto nas formas de socialização desses espaços.

O contato além do interior das casas é o que nos mostra o quanto as relações podem dissolver os limites de proximidade entre as pessoas. Voltando os olhos para os espaços públicos de recreação oferecidos por uma cidade, é possível perceber o quanto os arredores influenciam nas formas de uso e ocupação, na variedade de pessoas que os utilizam, assim como o que cada espaço recreativo possui de atrativo em sua estrutura, como os parques urbanos, citados por Jacobs, que são espaços que se assemelham às nossas praças. Como esta autora lembra,

Normalmente se destinam ao uso trivial geral, como pátios públicos, seja a localidade predominantemente ligada ao trabalho, predominantemente residencial, ou uma grande mistura. A maioria das praças enquadra-se nessa categoria de uso geral como pátio público; o mesmo ocorre com a maioria dos usos do solo projetados; e o mesmo ocorre com boa parte das áreas verdes que se aproveitam de acidentes naturais, como margens de rios ou topos de morros. (JACOBS, 2007, p.70)

Pensando nesses espaços e voltando os olhos para as praças na cidade de Mariana, é possível ressaltar diversos pontos que fazem sentido na análise de Jacobs, levando-se em conta que

Os parques são locais efêmeros. Costumam experimentar extremos de popularidade e impopularidade. Seu desempenho nada tem de simples. Podem constituir elementos maravilhosos dos bairros e também um trunfo econômico para a vizinhança, mas infelizmente poucos são assim. Com o tempo, podem tornar-se mais apreciados e valorizados, mas infelizmente poucos duram tanto. (JACOBS, 2007, p.97)

A cidade de Mariana, fundada em 16 de julho de 1696, com 326 anos de história, faz parte do conjunto de cidades coloniais mineiras fundadas no auge da exploração do ouro, e que mantém há vários anos um padrão de eventos e manifestações quando se trata de cultura e ocupação dos espaços urbanos com recreações sociais. Muito do que acontece culturalmente na cidade está relacionado a shows de música e eventos esportivos financiados pela prefeitura e pelas mineradoras instaladas na cidade, outros voltados à doutrina católica – Semana Santa, por exemplo –, e o carnaval de rua. Uma grande parte dessas movimentações – se não todas elas – se concentra nos espaços das praças, que de certa forma conseguem fornecer uma logística física para esses eventos, além de abrigarem um fluxo de pessoas que exercitam sua socialização nestes espaços.

Tenho a perspectiva de que Mariana possui um rico berço cultural. Como morador da cidade desde que nasci – com meus 29 anos – pude acompanhar diversas manifestações

culturais que, por conta própria, tomavam para si os espaços públicos da cidade, em específico as praças, e realizavam suas atividades: a Capoeira¹, o Congado², as bandas civis de música³ – como a Sociedade Musical União XV de Novembro –, o Circo Volante⁴, o Sarau Invasor⁵, e a Batalha das Gerais. Cada um com suas particularidades, porém, todos fazendo acontecer as práticas culturais dentro dos espaços da cidade, práticas que se renovam com o passar do tempo e com as mudanças nas formas de socialização.

No entanto, todo modo de expressão que foge aos olhares costumeiros gera desconforto, ou pode gerar encanto, caso haja a abertura para que sejam entendidas as nuances de cada discurso. É o que podemos observar na relação entre as manifestações da cultura hip-hop, em Mariana, em especial as batalhas de rima, protagonizadas pelo movimento cultural Batalha das Gerais, e a ocupação de certos espaços públicos de lazer e sociabilidade, como a Praça Gomes Freire, mais conhecida como “O Jardim”.

Por isso, ao analisar alguns pontos relacionados a este movimento cultural e à forma como ele se organiza e ocupa os espaços públicos, é possível fazer uma aproximação aos pares conceituais *espaço e lugar, estratégias e táticas*, de Michel de Certeau (2014), tendo como referência as interações sociais desenvolvidas nas praças as quais abrigaram por muitos anos as manifestações desse movimento cultural, como a Praça Gomes Freire, e a Praça Minas Gerais, ambas em Mariana.

Uma forma de começarmos a pensar sobre a importância dessas praças, principalmente a Praça Gomes Freire, um dos raros espaços públicos recreativos e culturais da cidade de pouco mais de 60 mil habitantes, localizado no centro histórico e turístico, é voltarmos aos primórdios de Mariana – a antiga Vila do Carmo –, e pensarmos sobre quais eram os espaços ocupados por quem vivia de fato na cidade.

Como citam Coração e Carneiro (2018), a Praça Gomes Freire é denominada um espaço público desde sua instauração. Era um espaço usado para a parada de cavalos em meio às entradas e saídas de pessoas na antiga vila. Sem um edifício político ou uma igreja atrelada a seus arredores, a praça se configurou em um espaço divergente de outros como a Praça da Sé, que tem como seu ponto de referência a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, e a

¹ Rodas de capoeira com dança, instrumentos e canto.

² Manifestação cultural afro-brasileira que reúne batuque, canto, dança e vestes representativas ricas em cores.

³ Bandas do tipo fanfarra, que acompanhavam cortejos de procissões na cidade e se apresentavam no Jardim aos finais de semana, principalmente aos domingos.

⁴ Companhia circense da cidade que além de realizar apresentações e cortejos em diversos pontos da cidade promove o encontro internacional de palhaços, que traz a Mariana pessoas de todo o mundo.

⁵ Era um sarau que acontecia na Praça Gomes Freire, onde em uma roda os participantes declamavam suas composições, escritos, poesias e poemas.

Praça Minas Gerais, que abriga a Casa de Câmara e Cadeia, junto das igrejas de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis, além de um pelourinho de pedra sabão. A Praça Gomes Freire é datada do século XVIII, e no decorrer de sua existência passou por diversas adaptações e revitalizações, que de certa forma foram moldando o ambiente e as formas como sua ocupação social se configurou. Coração e Carneiro (2018) salientam que

De espaço interligado ao rossio, aquele descuidado campo passou a receber festas populares chamadas “cavalhadas ” e também cerimônias de cunho profano. Outro ponto do livreto que chama a atenção ao se pensar o caráter estritamente público do Jardim desde a sua constituição, foi a tentativa de construir por lá, em meados do século XVIII, o edifício da Casa da Câmara e Cadeia como forma de enobrecer a área, ideia refutada em seguida já que o entorno da então praça D. João V, naquele momento, se encontrava quase totalmente ocupado (ALVES; FIGUEIREDO; PAIVA, 2010). Desse modo, com a não efetivação de uma casa política e sem uma igreja de referência, o Jardim pôde, como já defendido anteriormente, ser organizado um pouco mais distante das estruturas dos poderes político e religioso, se comparado, obviamente aos outros espaços públicos centrais da cidade. (CORAÇÃO e CARNEIRO, 2018, p.72)

Como morador de Mariana e frequentador do Jardim em diversas fases de minha vida, pude observar como essa busca por ocupar determinados espaços dentro desta praça, em si, sempre foi muito nítida. Assim como ressalta Coração e Carneiro (2018),

“(...) a praça Gomes Freire é um espaço central de disputa simbólica na cidade de Mariana. A história revela que, mesmo pressionada a se voltar a determinados grupos em certos momentos e episódios, ela continua – tensionada na ideia das barreiras invisíveis – a se apresentar em variadas funções para diferentes interações, o que inclui pobres, negros, artistas de rua, hippies, boêmios, vendedores ambulantes, mulheres, crianças e velhos” (CORAÇÃO e CARNEIRO, 2018, p.75)

Nos finais de semana, momento em que o fluxo de pessoas no Jardim é maior – principalmente à noite – é fácil perceber como os grupos de pessoas se dividem e procuram ocupar determinadas partes da praça. Os mais jovens na parte superior, junto ao Clube do Marianense, na Rua Barão de Camargo. Já as pessoas mais velhas – um misto de moradores da cidade e estudantes universitários – buscam ocupar a parte junto à Rua Dom Viçoso, que é onde estão localizados os bares próximos à praça. O coreto, localizado no meio da praça, vez ou outra é ocupado por grupos fazendo “passinhos” de funk com as tradicionais caixas de som portáteis, costuma abrigar jovens fazendo rodas de rima, e é também um ponto de encontro de casais. Assim como citam Coração e Carneiro (2018) que

De forma mais direta, é possível argumentar que com o movimento tensional, variados grupos tomam posse e demonstram ali suas relações e usos, o que para uma

forma de pensar pode gerar desconforto, desconfiança, insegurança e ódio, mas que para outra pode elevar o debate sobre pluralidade, convivência, respeito e, sobretudo, sobre a importância do espaço público. (CORACÃO e CARNEIRO, 2018, p. 75)

O Jardim já passou por diversas modificações e adaptações no decorrer de sua existência e, quanto às mudanças sofridas em seu espaço físico, a mais recente revitalização teve seu projeto aprovado em audiência pública em 11 de novembro de 2019, sendo executada pela Fundação Renova como medida compensatória – após o rompimento da barragem de rejeitos de mineração das empresas Samarco/ Vale/ BHP Billiton, em 2015 – e teve início em março de 2020, sendo finalizada em dezembro do mesmo ano. Essa revitalização trouxe mudanças em relação ao piso e aos acessos à praça, alterou boa parte da vegetação, que era mais vasta e passou a ser mais distribuída e espaçada – em relação às grandes árvores que haviam na praça e que foram suprimidas –, e modificou um dos lagos existentes, quanto a sua estrutura e vegetação no entorno.

Quando pensamos na Praça Gomes Freire, um dos cartões postais da cidade de Mariana e seu espaço público mais frequentado, onde convivem velhos, jovens, crianças acompanhadas de seus pais, comerciantes autônomos, funcionários da limpeza urbana e casais que passam as tardes ocupando os bancos espalhados em meio às sombras das árvores que restaram, temos um espaço em potencial para atribuição de diversos sentidos por parte de cada um que chega a usá-lo. Atualmente, a Praça é um lugar de recreação, tem um amplo espaço ornamentado com canteiros, árvores e o coreto, que é uma pequena edificação construída em praças com o intuito de abrigar concertos musicais. É nesse sentido, de espaço dedicado à fruição e às mais variadas expressões das artes e da cultura, que a Praça Gomes Freire constituiu-se como espaço vital para a cidade a proporcionar a interação necessária com a “vida ao nosso redor”, conforme destacado por Jacobs (2007), e com a arte:

Precisamos da arte, tanto na organização das cidades quanto em outras esferas da vida, para ajudar a explicar a vida para nós, para mostrar-nos seus significados, esclarecer a interação entre a vida de cada um de nós e a vida ao nosso redor. Talvez precisemos mais da arte para nos assegurarmos de nossa humanidade. (JACOBS, 2007, p. 249)

Quando se trata do Jardim, acho que todo mundo que nasceu e cresceu em Mariana carrega uma série de perspectivas da praça. Quando criança é a praça de passeio, com o lago dos peixes; quando adolescente, é a praça do “rolê”; para os idosos, é um ponto relaxante para curtir as tardes; e, quando adultos, é o que está anexo aos bares e um ótimo

ponto de encontro. A partir dessas lentes, desses olhares, eu nunca imaginei que um bando de amantes de música iria se juntar e levar para aquele espaço uma outra ótica, uma outra lente. A Batalha das Gerais seria o respiro do hip-hop na cidade, seu primeiro respiro, que depois de presente, não quis mais se ausentar.

Figura 2 - Batalha das Gerais na Praça Gomes Freire



Jovens reunidos em torno do coreto, da Praça Gomes Freire, onde acontece a Batalha das Gerais. Foto: Paulo Sergio/AIDIAX (2017)

Na busca de entender a influência das formas de ocupação e apropriações a partir da socialização nos espaços e lugares – com o foco na Praça Gomes Freire –, tomando como referência as reflexões de Certeau (2014), percebi que quando analisamos a importância das narrativas em torno dos lugares por onde passamos e as formas de comportamento – ordenados e controlados – diante deles, destacam-se os detalhes que caracterizam os lugares e os tornam o que eles são para aqueles que transitam e criam significados representativos para esses lugares, por meio de relatos cotidianos que passam a se tornar formas de registro.

Para demarcar essa discussão, Certeau diferencia o par conceitual *espaço* e *lugar*, delimitando o campo em que cada um desses conceitos pode ser pensado – mas sempre pensados juntos. Os lugares estão dispostos a realizar a distribuição de elementos que praticam relações de coexistência, onde em suas particularidades e em paralelo uns com os outros se unem para formar lugares. Cada detalhe ou objeto o qual compõe seus elementos se

mantém inerte quanto aos indivíduos, sem que haja a necessidade de interação direta entre eles.

Indo além das convenções aplicadas ao que definimos como lugar, o *espaço* está à mercê das movimentações, as quais são delimitadas a partir das formas de uso que os classificam como tal, ou seja, o espaço é diretamente ligado às práticas exercidas em suas delimitações. São as ações de quem transita, carregadas de seus significados e propósitos – sejam eles coletivos ou individuais – que irão configurar o que Certeau classifica como espaço, esses “lugares praticados”, por exemplo, por pedestres, como nos lembra Josgrilberg.

(...) A rua é um lugar fixo cheio de pontos de referência e limites para os pedestres - é possível ir lá, mas não por aqui, porque o caminho está bloqueado por um muro, prédio ou outra construção. A organização arquitetônica determina pontos fixos, espacial e temporalmente. No entanto, a rua também torna o caminhar possível para pedestres que, dentro de um lugar controlado, criam seus próprios itinerários. Os pedestres, então, transformam as ruas em um lugar praticado, em espaço (JOSGRILBERG, 2005, p. 73-74)

Na diferenciação entre *lugar* e *espaço*, tomamos, portanto, como perspectiva a usualidade do que nos é apresentado como ambiente e a interação dos indivíduos quanto às diversas práticas disseminadas nos mesmos. Um lugar é somente aquilo que carrega em sua essência, munido de um propósito que não extrapola o sentido para o qual foi criado. Os espaços, junto do indivíduo que age como forma integrante e ativa, compondo e criando significados a partir das práticas dentro dessas delimitações, passam a ganhar um sentido nas trocas efetuadas nesses ambientes. Os espaços ativos necessitam dessa movimentação para que sejam escritas as histórias em torno deles, e essas histórias servem como forma de registro – e de memória – e deixam claro, para quem transita por esses espaços, qual a finalidade e propósito dos mesmos.

Observando as manifestações culturais presente na cidade de Mariana no decorrer de sua contemporaneidade, voltando os olhos especificamente para as praças e pontos turísticos que servem de palco para a maioria dos eventos da cidade, como shows de bandas musicais financiados pela Prefeitura ou eventos esportivos – como o Iron Biker –, é notável como são poucas as iniciativas que buscam enaltecer a cultura periférica indo além das margens e bolhas sociais em que são praticados. Quando manifestações culturais passam a ocupar determinados espaços sociais, é criada toda uma forma específica de ocupação e consumo que é mantida e propagada à medida que essa manifestação se faz ativa e presente. A instauração

desse tipo de movimentação cultural trabalha não só na formação de caráter dos indivíduos envolvidos, mas na construção de um patrimônio imaterial que chamamos de memória.

A forma como os movimentos culturais passam a fazer parte da configuração dos espaços – esses “lugares praticados” pelos usuários, como lembra Certeau –, comendo também a vida cotidiana que os rodeia, faz com que os métodos usados para colocá-los em prática – métodos os quais são a forma com que esses eventos se organizam e são colocados em prática – se torne um documento de registro, um instrumento de propagação de saberes criando uma memória coletiva. O “saber” dentro da arte vai além da lógica produtivista, se pautando sobre as particularidades, sejam elas coletivas ou individuais. As formas de se “fazer” e todos os valores que circundam um movimento cultural afetam diretamente seus participantes, e o que chamamos de “saber fazer” e toda a bagagem intelectual envolvida em um movimento ou manifestação cultural se tornam um conhecimento científico, se contrapormos a arte e a ciência.

3. O HIP-HOP, O RAP E AS BATALHAS

Quando se transita pela Praça Gomes Freire, nas noites de sexta-feira, é perceptível a sensação de que aquela será uma noite diferente. Os olhares de quem passa por aquele espaço e observa a movimentação das pessoas que, aos poucos, vão formando pequenas rodas: alguns se observam, outros carregam equipamentos e conversam animados entre si, se cumprimentando de longe ou mesmo se abraçando euforicamente como se não se vissem há muito tempo. Vez ou outra pessoas de mais idade, mães com seus filhos pequenos correndo de um lado para o outro, ou mesmo pessoas largando seu expediente de trabalho, uniformizadas, se aproximam da movimentação e perguntam: “O que é que vai ter aqui?”, ouvindo a resposta firme, muitas vezes dada em coro: “Batalha de Rap”, ou “Batalha das Gerais”. A roda de rima se forma e o mestre de cerimônia questiona o público com a clássica pergunta dos duelos, todo aquele ritual é colocado à mostra e a resposta de todos na roda é entoada em alto e bom tom repetidas vezes: “E quando eu disser Batalha?”, “Vocês dizem: Das Gerais”. “Batalha, Das Gerais! Batalha Das Gerais!”. Dá pra perceber nas pessoas, como cada uma está ali para, além de ser apenas espectador/espectadora quanto a todo o movimento, que fazem parte dele. Não é apenas ouvir uma rima ou participar de um momento de lazer, é estar presente na chamada do mestre de cerimônia, vibrar junto quando cada MC solta uma boa rima, e na conexão com o DJ quando toca um beat – instrumental – que surpreende a todos. Em meio aos olhares apreensivos e os diversos sorrisos despreziosos, é dada vida a um movimento nunca antes tido na cidade de Mariana, a Batalha das Gerais.

Figura 3 - Público da Batalha das Gerais na Praça Gomes Freire



Público da Batalha das Gerais, na Praça Gomes Freire, tendo à frente DJ Djahpa (C).

Foto: Paulo Sergio/AIDIAX (2019)

Toda essa movimentação que junta o DJ e os MC's em uma interação que explora os limites do intelecto, quando se trata da arte de fazer música improvisada, parte de uma cultura que carrega consigo muitas histórias. O hip-hop é fruto da cultura preta e tem suas raízes vindas da periferia do Bronx, nos Estados Unidos, nascendo por volta dos anos 70. No rap (*rhythm and poetry*, ritmo e poesia, em inglês), uma das manifestações do hip-hop, a poesia é usada para narrar fatos cotidianos em que o indivíduo é espectador e narrador, seja ele participante das narrativas ou não. As técnicas e formas como o Mestre de Cerimônia (MC) conta suas narrativas - com ou sem engajamento prático - é o que dá corpo a sua obra.

Como cita Zeni (2004), o hip-hop se constitui de quatro elementos: o break (a dança de passos robóticos, quebrados e, quando realizada em equipe, sincronizados); o grafite (a pintura, normalmente feita com spray, aplicada nos muros da cidade); o DJ (o disc-jóquei), que comanda a discotecagem; e o rapper (ou MC, mestre de cerimônias, aquele que canta ou declama as letras sobre as bases eletrônicas criadas e executadas ao vivo pelo DJ). A junção dos dois últimos elementos resulta na parte musical do hip-hop: o rap.

Zeni (2004) diz que a história do hip-hop está ligada, desde a sua origem, às lutas e conquistas políticas dos negros norte-americanos nos anos de 1960. Como lembra o jornalista Spensy Pimentel (1999), dois líderes negros americanos foram assassinados naquela década:

Malcolm X, em 1964, e Martin Luther King, em 1968. As lutas da população afroamericana contra a discriminação racial e por maior participação política, duramente reprimidas durante o período, evoluíram para estratégias mais agressivas, como aquelas empreendidas por organizações como os *Black Panthers* (Panteras Negras). Como registra ainda Spensy Pimentel, a mãe de Tupac Shakur – um dos principais rappers americanos, assassinado em 1996 – foi integrante dos Panteras Negras. Os primeiros discos de rap começaram a aparecer no final da década de 1970, mas o primeiro grande sucesso comercial do ritmo foi o disco “*Raising Hell*” (1986), do grupo americano Run DMC. Ao longo da década de 1980 começam a surgir também os grupos de postura “mais agressiva”, como NWA (*Niggers with Attitude*) e *Public Enemy*.

Bruno Zeni (2004) cita que no Brasil, os chamados bailes *black* eram comuns desde os anos de 1970, animados por músicas *soul* e *funk*, principalmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Salvador e em Brasília. Milton Salles, ex-produtor dos Racionais MCs, organizava bailes *Black Power* em São Paulo desde aquela década. O hip-hop surgiu em São Paulo em meados da década seguinte. As primeiras manifestações foram realizadas por volta de 1984, no centro da cidade, na região da estação São Bento do metrô e nas ruas 24 de Maio e Dom José de Barros. O *b-boy* Nelson Triunfo foi um dos primeiros a dançar *break* nas ruas de São Paulo. Vindo de Triunfo (PE), Nelsão apenas chegara a São Paulo e já tinha uma companhia de dança de rua, a Funk & Cia. De acordo com Andrade (1999),

“(...) era a juventude negra que, influenciada por sua ancestralidade, soube dar continuidade a formas simbólicas de resistência. Soube apropriar-se dos recursos advindos de várias culturas negras (como a música), transformando essa modalidade artística em um discurso elaborado e consistente. Foi capaz de reivindicar direitos sociais, apontar as dificuldades da vida na pobreza, condenar as práticas de discriminação étnica e, principalmente, arrebatar a “massa” esse foi e continua sendo o maior mérito da mobilização dos hip hoppers”. (ANDRADE, 1999, p. 9)

Zeni (2014) diz que o rap surgiria como canto improvisado para acompanhar as manobras corporais do *break*. Os *rappers* cantavam na rua, improvisando ao som de latas, palmas e *beat box* (imitação das batidas eletrônicas feitas com a boca). No começo, por ser um canto falado, feito de improviso nas rodas de *break*, o rap era chamado no Brasil de “tagarela”. Como no começo havia também pouca preocupação com o conteúdo contestatório ou de protesto das letras, proliferou um tipo de rap inocente, descontraído e brincalhão, que mais tarde viria a ser conhecido como “rap estorinha”, designação que trai certo desprezo pelo antigo estilo.

A partir da minha prática como DJ e integrante do Batalha dos Gerais, compreendo a prática do *freestyle* em fazer versos de improviso para compor uma música, partindo ou não de um assunto em específico. Nas batalhas de rima, o MC – ou Mestre de Cerimônia – explora suas capacidades técnicas e intelectuais para se sobressair como vencedor em um duelo de versos improvisados que pode ser temático ou livre, as rodadas são cronometradas e o vencedor é escolhido pelos votos da plateia e uma bancada de jurados. As batalhas de rima podem ser “de sangue” ou “de conhecimento”.

A prática em que os mestres de cerimônia são colocados para travar um duelo é chamada de “batalha de sangue” e, a partir dos instrumentais escolhidos pelo DJ regente da batalha, os MCs devem desenvolver rimas para “derrubar” seu adversário, no improviso e sem tema pré-definido. Já nas “batalhas de conhecimento”, o MC desenvolve suas rimas a partir de questões pré-definidas, com foco em assuntos específicos ou palavras soltas, com o intuito de demonstrar o quanto ele tem domínio sobre aquele assunto.

Ambas são também movimentos táticos (Certeau, 2014) em função de poderem ocorrer em espaços distintos, por exemplo, uma batalha de conhecimento ser realizada em uma escola, uma vez que o ambiente escolar não se destina a práticas de rimas de escárnio, como na batalha de sangue. Quando se trata das mensagens disseminadas nas batalhas, sempre é pedido para se manter o respeito dentro e fora das rodas com o local e com o próximo, respeitar as diferenças de gênero e raça, quebrar preconceitos, saber ser resistência, que o público seja consciente e não faça uso de drogas no local da Batalha, e que seja recolhido o lixo jogado no espaço.

As batalhas de rima realizadas pelo movimento cultural Batalha das Gerais são uma movimentação que vai além das manifestações culturais tradicionais da cidade, disseminando a prática do *freestyle* e levando o rap até um espaço que faz com que a música e as mensagens da cultura hip-hop sejam disseminadas entre os frequentadores da Praça Gomes Freire, espaço cultural central da cidade de Mariana, como citado no capítulo anterior.

Expressão da cultura hip-hop em Mariana, a Batalha das Gerais surgiu a partir da vontade de rimar e fazer rap, em um momento em que as batalhas de rima e rodas culturais começavam a aparecer com frequência na internet – meados de 2014 e 2015 –, dando visibilidade a diversos artistas que eram frutos dessas movimentações. Foi quando um grupo de jovens marianenses (DogDu, Pedro Mol, Djahpa, JoãoB13, Matheuzin) tiveram a ideia de se juntar, no palco da Praça dos Ferroviários – espaço público usado para a realização de shows e eventos da prefeitura, localizado no bairro Barro Preto –, para rimar em noites de

quarta-feira, ato despretensioso que ganhou o nome de “QuartaFree”, que com um violão e muito improviso rendeu duas reuniões.

A partir do contato do DogDu (Eduardo Fonseca) com alguns estudantes do curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto, alguns deles moradores das “Moitas” (moradias estudantis socioeconômicas da UFOP) que também faziam rap e viviam o hip-hop em suas cidades de origem (Djonga, Daniel DR2, Remi, DJ Datiman, Jordânia Marçal), surgiu a ideia da realização de uma batalha de rima, a qual teve como ferramenta de divulgação a rede social Facebook, com Gustavin Djonga e Daniel DR2 fazendo a frente e a articulação dessa batalha.

Essa primeira Batalha das Gerais tomou como palco o adro da Igreja de São Francisco de Assis, na Praça Minas Gerais, local onde também estão localizados a antiga Casa da Câmara e Cadeia de Mariana, a igreja Nossa Senhora do Carmo e o pelourinho de pedra sabão. No dia 26 de março de 2015 – uma quinta-feira – reuniram-se cerca de quase 100 pessoas no adro da igreja de São Francisco, não havia microfones, só uma caixa de som que foi emprestada, um cartão de memória com alguns *beats* do DogDu e do Lion-D (Leon Drumond), alguns instrumentais “*gringos*” que foram baixados por mim (Djahpa), e meu notebook que tinha uma bateria que durava pouco mais de uma hora. Assim nasceu a Batalha das Gerais, uma movimentação que passou a ser um evento periódico, realizado toda quinta-feira, na Praça Minas Gerais.

Uma forte referência quanto a organização e o formato dos eventos realizados pela Batalha das Gerais veio do “Duelos de MCs”, que é o maior evento de batalha de rimas de Minas Gerais e acontece em Belo Horizonte (MG), realizado pelo Coletivo Família de Rua. A existência de um movimento voltado para a cultura hip-hop no estado de Minas Gerais com o tamanho e a repercussão do Duelo de MCs, é um elemento crucial para a disseminação da cultura entre as outras regiões. Em “O som que vem das ruas. Cultura hip-hop e música rap no Duelo de MCs” (2013), Gustavo Souza Marques nos conta um pouco da história do Duelo de MCs, que assim como a Batalha das Gerais surgiu da vontade de viver o hip-hop.

Os organizadores do Duelo de MCs, antes de formarem a Família de Rua, realizaram sua primeira aparição organizada nas ruas da cidade no início dos anos 2000, por meio de encontros quinzenais localizados na Praça Sete de Setembro, no centro de Belo Horizonte. Monge, PDR, Gurila Mangani, Nil Rec e vários outros MCs ligados ao Duelo participavam desses encontros para fazer freestyle, mostrar suas músicas, trocar ideias e manter ativa a cultura hip-hop.’ Nessas reuniões estavam presentes também b-boys, DJs e grafiteiros que, junto aos MCs, formavam a Conspiração Subterrânea Crew, coletivo que se propôs a ocupar a cidade com os elementos do hip-hop. (MARQUES, 2013, p. 60)

Marques (2013) relata que em um cenário de limitação do direito de ir e vir, e na condição de vivenciar a cidade como espaço de convivência, a Família de Rua começou a realizar o Duelo de MCs na Praça da Estação, em 2007, após um ano o Duelo de MCs se moveu para o anfiteatro do Viaduto Santa Tereza, que também é próximo à Praça da Estação, no centro de Belo Horizonte. O formato de organização do duelo vem da referência de movimentos como a Liga dos MCs (2003), realizada pela Brutal Crew, e a Batalha do Real (2002), pioneiros em batalhas de “rimas”, no Rio de Janeiro, movimentos estes que antecederam e possivelmente inspiraram o surgimento de outros, como a Rinha dos MCs, de São Paulo, chegando a 2015 com a Batalha das Gerais, de Mariana (MG), que inspirou a Batalha da Pracinha, de Ouro Preto (MG).

A Família de Rua se define como “um coletivo de cultura urbana, não só de hip-hop, pois também promove atividades como os campeonatos de skate, que contemplam um universo que não é exclusivo dessa cultura” (MARQUES, 2013, pag. 65). Sua abrangência e seu alcance de público ultrapassaram a importância do Duelo de MCs na cidade, que movimenta um público de aproximadamente 1.500 pessoas.

Assim como o movimento de batalhas em Mariana enfrenta embates com a prefeitura e a Secretaria de Cultura para que os eventos aconteçam de forma regularizada, o Duelo de MC’s da Família de Rua, em Belo Horizonte, também passou por uma “batalha” com o poder público para que o movimento continuasse acontecendo e ocupando o espaço urbano escolhido como casa do movimento, ou seja, o Viaduto Santa Tereza. Marques (2013) relembra o embate:

“(…) a Família de Rua tem o apoio verbal do gabinete do prefeito, mas ainda precisa retirar mensalmente o alvará para realizar o evento”. Questionam porque a situação não é facilitada “se o prefeito disse que o apoia o evento”. Além disso, foi alegado que a Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) parece observar o Duelo negativamente, pois teria sido dito informalmente à Família de Rua que a aglomeração de pessoas, o uso de drogas e possíveis tumultos seriam empecilhos para a continuidade do evento. Esses empecilhos foram constatados em reuniões que o coletivo fez com o poder público, representado pela PMMG, pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (Belotur) e pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). (Marques, 2013, p. 66)

Nunca imaginei que a Praça Minas Gerais, com aquele gramado e aquelas escadas, poderia configurar um coliseu. Era isso que parecia quando tinha BDG, que foi um apelido dado à Batalha das Gerais. Gritos, comemorações, festa e muito hip-hop. Toquei um tempo intercalando os beats entre meu notebook e, quando acabava a bateria, era o pen drive ou

cartão de memória inserido na caixa de som. Depois de um tempo quem assumiu o som com suas pickups foi o Matheuzin, DJ Flip, e diferente de quando eu colocava os beats na caixa de som pelo notebook, onde a configuração do evento era uma roda na parte superior da escada, a batalha passou a acontecer na grama e a platéia ocupava toda a escadaria da Igreja de São Francisco de Assis. No decorrer desses anos todos acompanhando a Batalha das Gerais, quando se trata do público, a diversidade de pessoas presentes em cada edição sempre me surpreendeu. Já vi professor de escola pública que “encostou” no evento e “bateu cabeça” com aluno, bater cabeça de curtir mesmo, dançar muito. Mães de amigos, em família, pessoas em situação de rua com cachorros, já vi MC novo – o MC Sad lá do Cabanas, com uns 11 ou 12 anos – rimando sua primeira batalha. Mulher rimadora – Ingryd Rodrigues – sendo campeã em sua primeira vez batalhando aqui na cidade, a Xaral – MC e artista preta – ganhando de nomes conhecidos na cidade e sendo campeã em sua primeira batalha de rimas. A diversidade que essas batalhas de rima colocam na praça é algo forte, sempre tinha alguém de um canto diferente da cidade chegando, gente de fora da cidade e até do estado, e à medida que essas pessoas passavam a frequentar os eventos, se tornava mais corriqueiro encontrá-las pela cidade em dias comuns e ouvir: “Quando tem batalha de novo?”, “Sexta tem batalha?”.

Figura 4 - Batalha das Gerais na Praça Minas Gerais



Plateia reunida na escadaria da Igreja São Francisco de Assis, na Praça Minas Gerais, para a BDG; ao fundo, Igreja Nossa Senhora do Carmo. Fonte: Página Batalha nas Gerais no Facebook (2015).

A Praça Minas Gerais possui um grande gramado, as edificações ali localizadas são datadas do século XVIII – com exceção do pelourinho – e este é um espaço significativo para a história da cidade. A praça abriga um símbolo político – a casa de Câmara e Cadeia – e duas igrejas que representaram as irmandades católicas devotas à Nossa Senhora do Carmo e à São Francisco de Assis, além do pelourinho que tem representado em sua estrutura o brasão da Coroa Portuguesa, uma balança simbolizando justiça, um globo terrestre que representa conquistas marítimas da Coroa, uma espada que representa a condenação e uma cruz representando a religião católica.

Em nossa entrevista, Jordânia Marçal, integrante da BDG, falou sobre a importância de se fazer uma batalha de rimas nesse espaço que carrega a simbologia da escravidão. Apurando nossos olhares e pensando no que chamamos de cidade colonial e na questão do que seria um patrimônio histórico para as pessoas que vivem a cidade e fazem acontecer o presente em seus espaços, e o que seria para essas pessoas um patrimônio que conseguisse instigar identificação para as mesmas, destaco esse fragmento da Jordânia Marçal em que ela complementa:

A gente fala, isso é um patrimônio cultural, isso é um patrimônio da cidade, isso é um patrimônio dos moradores, mas não existe de fato um espírito de pertencimento a aquilo. E aí a gente vem também de uma narrativa histórica que é construída, né? Como se dá a construção dessa narrativa histórica dentro da cidade de Mariana? Quando a gente fala da população preta, por exemplo, a gente só entende que carregou pedra e apanhou. A gente tem um pelourinho no meio da Praça MG, que é uma parada super pesada. Se você chega ali, vê um pelourinho e entende que aquilo era um lugar pra açoite de pessoas pretas, você não quer ficar vendo aquilo e se recordando daquilo o tempo todo. Então existe uma falha nessa narrativa histórica que é colocada, porque uma vez que não existisse, por exemplo, a inteligência preta pra extração de ouro, uma vez que não existisse a inteligência preta pra construção da cidade em si, nada disso estaria aí. A gente não tá falando só de uma mão de obra, a gente tá falando de uma inteligência que constrói isso que faz isso acontecer. Tanto que quando os negros escravizados vinham pro Brasil pra trabalhar na mineração, vinham negros de uma região específica da África, porque eram negros que possuíam esse conhecimento. Então assim, eu acho que construir uma nova narrativa em cima desse patrimônio é uma coisa muito importante. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Nesse sentido, lembro uma citação de Michel de Certeau:

Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. Oculta-as também às categorias sociais que "fazem história", pois a dominam. E onde a historiografia narra no passado as estratégias de poderes instituídos, essas histórias "maravilhosas"

oferecem a seu público (ao bom entendedor, um cumprimento) um possível de táticas disponíveis no futuro. (CERTEAU, 2014. p80).

Realizar uma batalha de rimas dentro deste espaço carregado de simbologias e histórias que são narradas aos turistas como “fatos históricos”, como a presença recente do pelourinho, símbolo da cultura escravocrata, fez com que essa manifestação cultural batizada de Batalha das Gerais ganhasse uma roupagem além de sua proposta inicial, além de um encontro para fazer viver as batalhas de rima. Um movimento cultural independente, preto e de raiz periférica, ocupando e fazendo uso desse espaço, passa a se tornar um ato político. A partir dessa análise Jordânia completa:

E aí eu recorro ao primeiro momento da Batalha que acontecia na Praça MG. Uma pessoa negra, periférica que chega ali e vê o movimento que é da sua cultura, que foi construído pelo seu povo, acontecendo naquele espaço, aquele espaço já passa a ter um outro lugar de significado pra essa pessoa, você entende? Então nesse sentido, a Batalha da Gerais foi um movimento de pertencimento, em que a juventude negra, em que a juventude periférica estava no centro e se sentia parte daquele lugar, se sentia parte da construção daquilo, e para além de uma coisa que é subjetiva do sentimento é a questão da narrativa. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Nesses nove anos de existência, e tendo ocupado por um período significativo o adro da Igreja de São Francisco de Assis, a Batalha das Gerais acabou sendo transferida para a Praça Gomes Freire, após alguns embates e percalços vividos em algumas edições realizadas na Praça Minas Gerais os quais serão citados no capítulo 4 desta monografia.

Essa mobilização da BDG pela ocupação dos espaços públicos culturais nos leva a refletir sobre *estratégias* e *táticas*, conceitos apontados por Certeau (2014) em torno das práticas e formas de fazer desenvolvidas no cotidiano. Tomamos as *estratégias* como as forças que permitem delimitar os atos cotidianos a partir das trocas impostas dentro de cada lugar. São as estratégias que tornarão legítimas as particularidades de cada lugar, partindo das relações de alvo e ameaça, e tornando possível fazermos a distinção de um ambiente, de um próprio. Quando se trata do “próprio”, isso diz respeito ao efeito das imposições feitas sobre o lugar a partir das disputas, nos permitindo visualizar projeções futuras e conquistas, extrapolando a saturação do ambiente e o esquecimento causados pelo tempo.

Outro ponto a ser levantado é que pela leitura visual dos espaços ficam perceptíveis divisões e imposições de força. Levando em conta essas imposições a partir das estratégias, as transformações no lugar tornam concretas as histórias, e o poder de saber tomar para si esse lugar próprio é também um atributo importante sobre as estratégias.

Quanto às imposições de poder, a partir das estratégias, podemos retomar as análises feitas sobre o espaço da Praça Minas Gerais em que há um pelourinho instalado ali, em um local que não teve realmente um pelourinho – ele foi inserido naquele espaço na contemporaneidade –, o que nos leva a questionar qual o sentido da instauração daquele “monumento”? Ele está ali para marcar a relação de força e de poder que emana daquelas estruturas e símbolos do poder político presentes ao redor, ou ele está ali para nos lembrar quem sofria e quem mandava matar? O poder público é quem tem o poder estratégico de delimitar os usos oficiais dos lugares, como as praças e jardins.

Certeau (2014) diz que as estratégias necessitam que haja uma imposição de poder sobre os lugares. Quanto à influência em relação aos lugares, nas estratégias as forças se distribuem dentro dos ambientes, moldando os lugares físicos e teóricos a partir de cada ponto de força distribuído nos ambientes. O tempo neste caso é proporcional ao poder do lugar, que tende a se impor de forma resistente ao mesmo. Ainda que essas trocas e formas de interação tidas dentro dos lugares – moldando-os de acordo com o que se desenvolve dentro da convivência cotidiana – não sejam totalmente explícitas a nós observadores participantes, elas não deixam de ser concretas e guiarão as maneiras e formas de agir dentro dos ambientes, que são elas estratégias ou táticas.

Diferente das estratégias, as *táticas* são as ações que partem da ausência de um próprio, não possuem um lugar e não conseguem se impor sobre o mesmo, estando à mercê do que lhe é imposto quanto às suas disputas dentro do ambiente, sem autonomia e uma constância. As *táticas* transitam pelos lugares à mercê das brechas das conjunturas particulares que permitirão o trânsito dentro dos espaços, flertando com o incerto e o inesperado, buscando as melhores formas de utilizar o tempo a seu favor.

Pensando nas *táticas*, a Batalha das Gerais, que nasceu na Praça Minas Gerais e percorreu vários pontos da cidade, podendo vivenciar as mais diversas experiências e situações quanto ao formato e as dificuldades logística dos espaços públicos para sediar seus eventos, precisou se firmar e fortalecer sua “voz” quanto às diversas dificuldades existentes para que o movimento cultural independente se mantivesse vivo. Foram muitos os embates até que a Batalha fizesse do Jardim – a Praça Gomes Freire – o seu palco principal e o melhor lugar para que seu grito fosse ouvido de forma nítida. É o que será abordado no próximo capítulo.

4. A BATALHA NA PRAÇA

“Show do Sant em Mariana, de graça, no Jardim.”

Quem chegou cedo e acompanhou as apresentações dos artistas da cidade acho que não tinha noção de como o Jardim ficaria tomado de gente. Particularmente, eu nunca tinha visto uma energia como aquela em uma BDG. Eram muitos rostos conhecidos, muita gente, no coreto, não cabia mais ninguém. Além de DJ da batalha, eu tocava na Gang do Cifrão com o DogDu, Rich Braza e JãoB13. Quando acabamos de tocar e anunciaram o Sant, eu olhava pra minha equipe, pro tal do coletivo Batalha das Gerais e na cabeça só vinha a sensação de dever cumprido. Trouxemos o Sant lá do RJ pra cantar na nossa praça. O LP Beats – DJ do Sant – subiu ao palco primeiro, perguntou dos canais da controladora e eu falei: “É pique o serato memo, lado A e B aqui, esse é o canal da pré-escuta”. Ele pegou o mic sem fio, falou “tem efeito?”. Respondi: “Tá sem mano”. Deu um salve na galera, gritando no mic e soltou a música “Leões”, que foi quando o Sant subiu as escadas do palco. Nesse dia realmente foi “tudo nosso, nada deles”, um bordão que sempre marcou nossas Batalhas .

Figura 5 - Sant no evento "Batalha Das Gerais - Consciência Negra" no Jardim.



Show do Sant, rapper carioca, na Praça Gomes Freire. Foto: Lucas Silva/AIDIAX (2017)

O show do MC Sant, do Rio de Janeiro, realizado em 26 de novembro de 2017 na Praça do Gomes Freire, foi um marco para o movimento Batalha das Gerais, reunindo mais de 600 pessoas naquele espaço. Naquela data, o evento foi nomeado “Batalha das Gerais - Consciência Negra” quando, pela primeira vez, o coletivo teve acesso a apoio financeiro, concedido pela Prefeitura de Mariana, por meio do Projeto de Lei Nº 160/2013. No entanto, o caminho do movimento cultural em análise até passar a ocupar a praça foi longo, houve diversas edições da Batalha realizadas na Praça Minas Gerais, motivo pelo qual o movimento cultural de batalha de rimas de Mariana leva o nome que mantém até hoje. Tendo ocupado por pouco mais de um ano o espaço da Praça Minas Gerais, que em meio a alguns embates como o dos vizinhos do espaço reclamando com a Guarda Municipal do “barulho” supostamente causado pelo evento, a Batalha das Gerais passou a acontecer na Praça Gomes Freire, o Jardim, em fevereiro de 2017, nas sextas-feiras.

É importante ressaltar que, muitas vezes, após os eventos da Batalha, na Praça Minas Gerais, nas quintas-feiras, aconteciam os “luais” realizados por estudantes da UFOP. Essas festas se estendiam pela madrugada, e de alguma forma isso fez com que o barulho e o lixo deixado no local fossem relacionados aos eventos da Batalha, que geralmente aconteciam no mesmo dia e se encerravam por volta das 22 horas.

Em meio a esses embates, em uma determinada edição da Batalha das Gerais houve uma intervenção da Guarda Municipal, quando foi pedido que o evento fosse encerrado, pois havia diversas reclamações de incômodo quanto ao barulho, as quais já se mantinham recorrentes. Após toda uma conversa com um dos guardas municipais, a solução encontrada foi que o evento migrasse para o Jardim e aquela edição da Batalha terminasse lá. Após esses embates, o espaço da Praça Gomes Freire foi o que mais sediou edições do evento realizado pela Batalha das Gerais, intercalando entre o centro do jardim e o coreto.

Sobre esse acontecido, lembro que era por volta das 21 horas e pouco, ainda não eram 22 horas, e esse era um dos argumentos usados para tentar fazer com que o evento continuasse. Outro argumento foi que sempre ao final dos eventos era pedido para que o lixo fosse recolhido e que a organização se mobilizava também para que esse lixo fosse recolhido. Em meio ao diálogo, um dos guardas municipal chegou a pontuar que, para que o evento continuasse acontecendo, seria mais interessante para nós fazê-lo no Jardim, pois aquele seria um espaço que ocuparíamos com mais facilidade (não me lembro exatamente como foi

dito, mas o sentido era esse). Não nos foi falado sobre um número de boletim de ocorrência, ou se havia um documento formal com alguma denúncia, após tudo isso, todo mundo se mobilizou e descemos para o Jardim. A Batalha terminou lá com mais 4 rounds e o sentimento era de que “tentaram, mas não vão nos parar”. Não tenho e nem encontrei nenhum registro ou foto desse dia, só a lembrança mesmo. Nesses baculejos sempre se fala “vamos ter que prender os equipamentos”, já ouvi isso não foi uma, nem duas vezes.

A BDG chegou a fazer edições de batalhas de rima em outros espaços da cidade, como o Terminal Turístico, localizado na Praça Tancredo Neves; a arena Mariana, localizada próxima à Rodovia do Contorno, no bairro Vila Aparecida; e na Praça dos Ferroviários, localizada no bairro Barro Preto. Dentre todos esses espaços, o único que conseguiu proporcionar um suporte quanto à organização logística do evento – energia elétrica, segurança e organização – foi a Praça Gomes Freire. Quando se trata da organização logística do evento e sua segurança, é essencial que os espaços onde serão realizados sejam abertos, para que todos possam desfrutar 100% das apresentações. Quanto à segurança, os espaços abertos são de mais fácil acesso e tornam mais difícil a incidência de uso de drogas ilícitas e possíveis confusões e brigas, adentos que devem ser prevenidos em qualquer tipo de aglomeração.

O espaço da Praça dos Ferroviários, local que sediou algumas edições da Batalha das Gerais, apesar de possuir uma boa estrutura física – fora a pouca iluminação, feita somente a partir de postes – é um local afastado do centro urbano movimentado, o que descaracteriza o intuito do movimento que é levar a cultura periférica até o centro da cidade, onde a cultura possa ser ouvida e sua mensagem alcance as diversas camadas sociais da cidade, ou seja, um espaço de projeção.

Com os anos de realização das diversas batalhas de rima pelo coletivo Batalha das Gerais, veio também a necessidade de formalização dos eventos quanto aos usos dos espaços públicos, a partir da retirada de alvarás e autorizações emitidos pela Prefeitura de Mariana. Surgiu também a possibilidade de um apoio por parte da prefeitura quanto aos equipamentos usados para a realização dos eventos, e através de reuniões com a Secretaria de Cultura, a autorização passou a ser emitida e houve o apoio da prefeitura quanto aos equipamentos. Os eventos realizados pelo Coletivo Batalha das Gerais passaram a acontecer quinzenalmente a partir de 2016 e em 2017 passou a acontecer nas sextas-feiras, e a maioria das edições

aconteciam na Praça Gomes Freire, e só eram transferidas para a Praça dos Ferroviários quando havia algum outro evento que partia da prefeitura, o qual fazia o uso do Jardim.

Um marco para a Batalha das Gerais foi realizar uma edição especial na Semana do Novembro Negro, em 2017, reunindo mais de quinhentas pessoas na Praça Gomes Freire, e levando ao palco, além de diversos artistas da cidade, o MC Sant, do Rio de Janeiro, narrado no início deste capítulo. Esse foi um evento que aconteceu a partir do Projeto de Lei Nº 160/2013 que instituiu no município de Mariana a Semana Municipal da Cultura Hip-Hop, realizada do dia 13 a 20 de Novembro, na semana em que é comemorado o “Dia da Consciência Negra” no Brasil. 20 de novembro se tornou o “Dia Municipal da Cultura hip-hop” passando a fazer parte do Calendário Oficial de Eventos do Município de Mariana. O evento realizado pela Batalha das Gerais teve o nome de “Batalha das Gerais - Consciência Negra” e aconteceu no dia 26 de novembro daquele ano.

Tomando como foco o ano de 2022, que marca o período pós-isolamento social, após o auge da pandemia de Covid-19 e o retorno dos eventos públicos de maneira geral, acompanhei as ações feitas pelo coletivo Batalha das Gerais para que acontecesse, de fato, o retorno das manifestações realizadas pelo movimento cultural. Em meio às mudanças ocorridas no cenário político da cidade, mais em específico dentro da Secretaria de Cultura, culminando em trocas de secretários e de prefeito – a qual aconteceu mais de uma vez nos últimos dois anos –, a Batalha das Gerais teve que voltar a realizar todo o processo burocrático para que fosse feita a liberação e autorização de uso de espaço público, com uma escala de datas para realizar seus eventos – que antes do período de pandemia aconteciam todos na Praça Gomes Freire, nas noites de sexta-feira – além de solicitar o apoio técnico por parte da Prefeitura de Mariana, que fornecia duas caixas de som, três microfones e uma mesa de som.

Após algumas reuniões, desde o início do ano, e de todo o processo de formalização para realização de eventos em espaços públicos, a Batalha das Gerais conseguiu realizar seu primeiro evento de 2022 no dia 18 de março. Como a Praça Gomes Freire estaria sendo usada para uma mostra de cinema, foi sugerido que o evento fosse realizado na Arena Mariana. Para que a data não fosse perdida, o coletivo concordou em realizar o evento no espaço sugerido.

Houve a liberação do uso do espaço em acordo oral com a Secretaria de Cultura, sem um documento formalizado, e os equipamentos de som foram alugados pelo próprio coletivo. É importante ressaltar o quanto o espaço da Arena se mostrou carente quanto à logística estrutural e espacial para a realização do evento, o local não havia um ponto de energia

disponível, o que não foi avisado ao coletivo com antecedência, os equipamentos tiveram que ser ligados na tomada que energiza o bebedouro da pista de skate, e desse modo a estrutura foi toda montada ao fundo da pista. O local não era bem iluminado e não é planejado para receber este tipo de evento quando se tem pouca estrutura disponível, o que não proporciona conforto aos espectadores.

Registrou-se reclamações da vizinhança por causa do som e, conseqüentemente, aconteceu uma intervenção da Polícia Militar, que tomou tempo do evento e impediu que a Batalha acontecesse em seu total potencial, pois o som foi limitado até um limite muito baixo, e ficou praticamente impossível de ouvir as batidas do Dj e os microfones na roda. A Batalha teve seguimento mesmo com todos os empecilhos, e apesar da tentativa de se realizar a roda de rima naquele novo espaço, a impressão que ficou é que o evento não conseguiu atingir seu total potencial. Jordânia comentou sobre o episódio acontecido salientando que:

(...) Só que é isso, outros movimentos da cidade são muito mais aceitos que a gente. E depois desse processo de pandemia, depois de tudo isso, nesse retorno tem sido muito difícil, né? A gente já está entrando em outubro e a gente conseguiu fazer de fato uma edição na Batalha que não foi no lugar que a gente faz normalmente, que a gente sofreu impedimento da polícia no primeiro momento da Batalha, tivemos problema com som e mano pra mim isso se justifica basicamente por preconceito e desatenção. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

O segundo evento realizado pela Batalha das Gerais, em 2022, aconteceu somente no mês seguinte, em primeiro de abril, no espaço da Praça Gomes Freire, com o custeio dos equipamentos de som feitos pelo próprio coletivo. Houve a liberação de uso do espaço por parte da Prefeitura e a comunicação de realização do evento à Guarda Municipal. Nesta edição da Batalha não houve um contato entre a Prefeitura e Secretaria de Cultura com os zeladores da praça – o que ocorre em todo evento que faz uso do espaço segundo um dos próprios zeladores – e tal fato impossibilitou que a Batalha acontecesse em seu horário marcado, pois era necessário que os pontos de energia fossem destrancados para que os equipamentos do evento fossem ligados. Após algumas horas foi feito o contato com os responsáveis pela energia da praça por conta do próprio coletivo e o evento aconteceu, tendo seu encerramento sem as finais da Batalha, que aconteceram sem as batidas instrumentais e os microfones, somente na voz, pois a Guarda Municipal já solicitava que o som fosse encerrado.

Após esses acontecimentos e tendo em vista que estavam havendo diversas dificuldades para que o uso da Praça Gomes Freire fosse liberado para a realização das

Batalhas, o coletivo decidiu não realizar mais eventos até que esteja tudo acertado com a Secretaria de Cultura e a Prefeitura de Mariana para que a Batalha das Gerais utilize a praça.

Em nossa entrevista, Jordânia comentou sobre os diversos embates e a falta de empatia e entendimento por parte do poder público, órgãos de segurança e de parte da própria população:

Eu acho que as pessoas não entendem o tamanho e a proporção que o movimento que a gente construiu tem. E às vezes até entendem, mas querem *brecar* porque a conscientização, tudo isso que eu falei que a gente consegue proporcionar sendo Batalha das Gerais, não é interessante pra uma parcela das pessoas. Então assim, das duas umas, sabe? Não tem erro, ou é por burrice ou é por maldade. Burrice de não entender a importância real, social, desse movimento, porque o que a gente faz é um papel do Estado, quem deveria estar fazendo era o Estado, se eles não fazem a gente pega, e está fazendo um favor pra eles. Então se eles não abrem essas portas, só pode ser por burrice ou por maldade. No sentido de “entendo o que isso proporciona mas não quero, porque eu estou fazendo a manutenção dos lugares de poder nesse espaço”. Então pra mim só tem essas duas opções, a gente trabalha dentro das duas, não posso afirmar categoricamente qual das duas que eles estão seguindo, mas ou eles são burros ou eles são maldosos. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

A partir de todo esse trajeto fica nítido, para mim, que o coletivo Batalha as Gerais requisita apenas o necessário, que é o direito de usar o espaço da Praça Gomes Freire mediante a emissão de um alvará impresso; o apoio quanto à logística de equipamentos, como o que acontecia antes da pandemia; e um suporte por parte dos órgãos públicos com o mínimo, que é se dispor a ter uma comunicação eficaz e ser um “braço” no fomento da cultura na cidade. É perceptível que as ações da Batalha são dificultadas, para que os eventos não venham a acontecer da forma com que buscam, levando em conta a quantidade de eventos particulares realizados no ano de 2022 e ocupando principalmente a Praça Gomes Freire.

Percebi que para reivindicar a importância e o direito à ocupação de espaços sociais de projeção, visibilidade e reconhecimento, a partir de seus eventos, a Batalha das Gerais faz diversos movimentos *estratégicos* e *táticos*. Observando as formas como a Batalha desenvolveu suas ações quanto à organização e ao desenvolvimento logístico, seu plano de ações em relação às manobras necessárias para realização de seus eventos, e quanto às imposições sofridas pelo poder público e até pelos próprios espaços de ocupação que o movimento cultural buscou e ainda busca ocupar, é possível pontuar de forma clara esses movimentos, capazes de ilustrar e esclarecer como se dão de fato essas relações entre a Batalha das Gerais, suas movimentações e os espaços de ocupação.

Tomando como referências algumas manobras feitas dentro do coletivo, irei pontuar a seguir algumas ações do movimento que se classificam como *Estratégias*, ressaltando

também as *Estratégias internas* e as *Alianças estratégicas*, que se encaixam também nessa delimitação.

- As formas de comunicação entre a Batalha das Gerais e seu público.

Uma movimentação estratégica são as formas de comunicação usadas pela Batalha com os seus espectadores que se não, feita na própria rua com o contato direto – o boca-a-boca – eram todas feitas na internet, por meio de eventos no [Facebook](#). Um dos membros do coletivo criava o evento da Batalha com uma descrição simples, salientando os detalhes do evento e as regras – que era prevalecer o respeito independente de gênero e raça, e não usar drogas no local – e os outros membros compartilhavam em suas próprias redes sociais a página do evento, para aumentar a gama de alcance. Com o tempo, a Batalha criou uma página no próprio Facebook, a qual passou a hospedar os eventos, e essa é a forma de divulgação dos eventos e ações realizadas pelo movimento cultural até hoje, com o adicional do [Instagram](#) que passou também a ser usado como ferramenta de divulgação e registro.

- A Lei do hip-hop em Mariana.

A Lei Nº 160/2013 que instituiu no município de Mariana a Semana Municipal da Cultura Hip-Hop – dos dias 13 a 20 de novembro – sendo o dia 20 o “Dia Municipal da Cultura hip-hop” dentro do Calendário Oficial de Eventos do Município de Mariana, é tida também como um *movimento estratégico*. Pois a partir da legislação instaurada pelo poder público não só a Batalha, mas outros movimentos que praticam a disseminação da cultura de rua são também possibilitados de executar suas ações com um respaldo do poder público. A lei estipula que a comemoração deferida deverá abranger representantes do Movimento hip-hop, os alunos da rede municipal e os demais munícipes, através de seus elementos culturais: O Rap (estilo musical), o DJ (Disc-Jockey), o grafite, o Break Dance ou B-Boys (dançarinos), o Beat Box (percussão vocal), MC (mestre de cerimônia) e o conhecimento. É estipulado também que os Poderes Executivo e Legislativo envidarão esforços no sentido de colaborar com os representantes do Movimento hip-hop e organizações não-governamentais que tratam da luta anti-racismo e da consciência negra na organização e realização das atividades que compõem a semana, além de proporcionar manifestações artísticas relacionadas a esta

cultura, promovendo debates, palestras, fóruns e demais atividades capazes de valorizar e propagar este movimento.

- Estratégias internas.

Ao observar o início das manifestações da Batalha, em que os eventos eram realizados no adro da igreja de São Francisco de Assis, com a configuração do evento sendo em forma de roda, tínhamos um evento que se organizava em um canto da praça com o foco de atenção voltado para seu centro. Quando a Batalha se move e passa a ocupar o gramado, mudando sua configuração e adicionando a sua estrutura uma mesa para o DJ e caixas de som com microfones, ela conseqüentemente aumenta seu plano de ocupação e a visibilidade quando se trata dos ocupantes da praça se voltando ao evento, essa movimentação partindo da própria BDG é classificada como uma *Estratégia interna* praticada pelo movimento cultural.

Quando se tratam das funções desempenhadas pelos seus membros para que aconteçam os eventos e manifestações desenvolvidas pela Batalha, muitas das vezes alguns dos membros exercem mais de uma função dentro do coletivo, para que se torne possível a realização dos eventos. Conseqüentemente, é preciso que se realizem reuniões e encontros com o poder público para o acerto das autorizações de uso dos espaços públicos e as datas de eventos. Outro detalhe é que muitas das vezes, por questões pessoais, nem todos os membros conseguem estar presente em todos os eventos ou mesmo suprir essas questões burocráticas, o que desencadeia um modo multifunção em cada membro do coletivo. Assim como foi citado por Jordânia em nossa entrevista, em que ela aponta: “Na Batalha eu tramei como tudo né mano. A gente trampava de produção, DJ, mestre de cerimônia. Então tipo assim, todo lugar que precisava da gente ocupar, todo corre que precisava da gente fazer, a gente fazia pra manter o movimento acontecendo.” (MARÇAL. Entrevista, 2022.).

Pensando o desdobramento dos membros do coletivo se propondo a exercer diversas funções, onde por exemplo um mestre de cerimônia da Batalha – que é o regente e apresentador no evento – pode vir a exercer a função de DJ dentro do coletivo em outra edição do evento, e que nos bastidores muitas vezes essa pode ser também a pessoa que fez o trâmite das autorizações e reuniões diplomáticas entre o movimento cultural e o poder público naquele momento específico por exemplo, podemos delimitar e classificar esses desdobramentos como uma *estratégia interna*. Essa praticidade e facilidade de se articular e

suprir as demandas quanto às necessidades do movimento cultural, de forma que há prontidão quando se trata de lidar com o que for preciso.

- Alianças estratégicas.

No decorrer de sua trajetória a Batalha das Gerais, garantiu espaço e ganhou reconhecimento não só por quem faz parte e busca vivenciar o hip-hop, mas de diversas frentes que também tem um olhar para as causas sociais – como a saúde mental, inclusão e diversidade, questões raciais e de gênero – e essa notoriedade dentro desses espaços extrapolando a questão de estar presente somente na rua, fez com que o movimento chegasse até outros lugares e fosse convidado a debater essas questões e apresentar seu trabalho e ideias. Jordânia citou sobre essa notoriedade dizendo que:

É muito louco perceber como a gente foi tomando proporção de ser convidado pra vários eventos da cidade, de ter pessoas da política que têm interesse em apoiar nosso movimento, de ter pessoas de outros movimentos que convidam a gente, que respeitam a gente enquanto o movimento. Tipo mano, isso não aconteceu em primeiro momento, pra todo mundo era um tanto de jovem querendo fazer algazarra. Então assim, foi um processo de conquista de respeito, tanto dessas autoridades - vamos pôr assim de uma forma bem chula - quanto da juventude mesmo, que além de tudo passa a ver a gente de um lugar de referência, que além de tudo passar a ver a gente como um lugar de acolhimento. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Ainda sobre essa notoriedade adquirida pela Batalha, houve uma menção honrosa aprovada pela Câmara Municipal de Vereadores e assinada no dia 30 de Outubro de 2017, prestando reconhecimento ao movimento cultural e pautando a luta da Batalha para “melhorar a utilização do espaço público para os jovens, dando oportunidades para artistas do meio hip-hop mostrar seu trabalho. O grupo vem agregando cada vez mais jovens interessados a expor suas ideias perante a sociedade” (Lei Nº 160/2013 - Câmara Municipal de Mariana). A cerimônia de entrega da menção impressa aconteceu no antigo Teatro SESI, no dia 24 de novembro. Jordânia salienta também sobre um momento em que a Batalha era ouvida dentro da Prefeitura e secretaria de cultura:

Eu acho que é importante a gente sinalizar que no mandato anterior a esse, que já está aí há dois anos, né? Com todas as confusões políticas que a gente teve no cenário da cidade, (...) o prefeito foi eleito, aí não foi mais, aí vem outro, ficou uma confusão política na cidade, mas o mandato que a gente teve antes desse, foi um mandato que tipo assim, abraçou a gente, fraga véi, de verdade. A gente teve aí 2018, 2019, a gente teve um apoio legal da Secretaria de Cultura. Sempre que a gente chegava lá a galera ouvia a gente muito bem (...). Então assim, foi um

momento que a gente teve as portas abertas de alguma forma e eu acho importante deixar isso evidente assim. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Quanto ao setor político e ainda pensando nessas conexões, a Batalha das Gerais desenvolveu boas relações com o vereador Cristiano Vilas Boas, o qual sempre que pode se fez presente em nossos eventos e se mostrou aberto e solícito quanto a questões voltadas à juventude. Essa relação de longa data com o vereador possibilitou ao movimento alguma clareza e entendimento quanto a algumas movimentações e burocracias, quando se tratava de documentação e autorizações. Esse tipo de relação do movimento cultural com uma parte ativa dentro do poder político se classifica como uma *aliança estratégica*, que dentro das *Estratégias* diz respeito a alianças formadas com partes que têm algum poder sobre as imposições e delimitações de força dentro dos espaços.

Voltando-nos para os espaços das praças, são movimentos estratégicos feitos pelo poder público e pelos órgãos de segurança da cidade impedir aglomerações, reprimir com a presença intimidadora, evitar que seja colocado som em volume notável e contestar manifestações mesmo que sejam em prol da cultura quando se tratam das imposições de poder estratégicas dentro dos espaços, os quais a Batalha das Gerais transita. Pensando nas dificuldades enfrentadas pela Batalha para adquirir as autorizações e até mesmo conseguir realizar as reuniões que dão aval para a realização dos eventos nos locais públicos, destacamos outro movimento estratégico, que diz respeito ao distanciamento criado pelo poder público quando se trata da comunicação com o movimento cultural.

A partir destes pontos, destaco a falas do atual secretário de Cultura de Mariana, Pedro Souza, que em nossa entrevista expôs sua opinião quanto a relação entre o poder público e o Movimento Cultural:

Com relação a essa questão de embate da Prefeitura, eu acho que é uma questão de entendimento. Eu acho que é necessário que se tenha uma conversa sentado à mesa. Todas as partes, todos envolvidos, tanto a Batalha, quanto o poder público, o poder legislativo, segurança pública, eu acho que tem que conversar e chegar a um entendimento, sabe? Porque infelizmente acaba ficando muito no ar, né? Então, eu acho que às vezes o poder público ainda não entendeu o quão é importante esse movimento, sabe? O quanto é importante e o quanto ele colabora, por exemplo, pra salvar a vida de vários jovens pretos e pretas na cidade de Mariana. Então, nós temos que fazer frente a isso, dialogar com os setores responsáveis da cultura e o poder executivo e o poder legislativo também, pra mostrar o valor que tem a cultura hip-hop na cidade de Mariana e a Batalha das Gerais mais especificamente.

Bom, eu acredito que, organização, precisamos nos organizar enquanto movimento, e ir pro embate mesmo com o poder público. Demonstrar que o movimento, ele está aí, é real, ele existe, mas ele é organizado. Então, eu acho que passa por essa

questão. Organização e diálogo. Eu acredito nisso. É a minha opinião. Organização e diálogo. Precisamos dialogar com essas frentes. (SOUZA Pedro. Entrevista. 2022.)

Sobre o cenário cultural periférico e todas as barreiras, Jordânia levanta alguns pontos, trazendo suas perspectivas quanto a indústria cultural, os movimentos culturais independentes e todo preconceito em torno do hip-hop, salientando que:

Mano, eu não consigo ver de outra forma, pra mim é preconceito escancarado, assim, de verdade. É muito louco você pensar que o rap ainda sofre preconceito, sendo que hoje a gente é um dos gêneros mais consumidos do Brasil. O rap, o funk, enfim a música que nasceu na periferia de uma forma geral, que foi produzida pela periferia de uma forma geral. Como que a indústria cultural né, como que a indústria da música, a indústria fonográfica recebe a gente tão bem, porque a gente dá dinheiro pra eles, (...) e a gente ainda tem que passar por isso, assim em menores instâncias, em projetos sociais, em projetos culturais sem fins lucrativos. É o que eu falo, é um espaço que não era pra ser nosso, né mano? Tem uma parcela da população que se interessa em fazer a manutenção desses espaços pra que um público específico esteja lá, que tem gente que entende a nossa presença como uma presença inconveniente. Isso é um fato. E não tem argumento que me faça pensar o contrário até que eu veja isso na prática. Fazer um discurso bonito é uma coisa, ver isso na prática é outra. Eu acredito que a gente ainda tem que brigar muito pra chegar nesse lugar confortável, infelizmente, mas a gente está vivão né? Estamos aí pra isso. Mas eu acho que é racismo mano, é preconceito contra a pessoa periférica, tá ligado? É preconceito contra a música periférica, é não querer ver um tanto de gente preta, favelada, LGBTQIA+ ocupando um espaço que na cabeça deles é deles, né. “Como que eles ousam estar nesse lugar?” E aí o poder público, mano, ele faz essa manutenção né? Na medida que é possível. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Analisando agora as formas de organização, articulação e ocupação dos espaços nas praças de Mariana pela Batalha das Gerais, podemos pontuar também alguns movimentos realizados pela BDG, os quais caracterizam o movimento cultural como *tático*.

- Adaptação ao espaço.

Levando em conta que dentro dos movimentos táticos os seres sociais transitam pelas brechas em meio às imposições dos ambientes, quando analisamos a Batalha das Gerais e como o movimento tomou para uso os espaços das praças de Mariana para realizar seus eventos, nos deparamos com diversas manobras e formas de adaptação que com o passar do tempo foram ficando mais “afiadas”, à medida em que a Batalha se expandia e as necessidades para que ela acontecesse em seu ápice de qualidade surgiam.

Assim observando, tomamos a roda de rima no adro da Igreja de São Francisco de Assis, que foi transferida para o gramado da praça fazendo da escadaria da igreja uma

arquibancada; em seguida o coreto do Jardim, que de início comportava os participantes e o público em seu interior, e logo após se tornou o espaço de projeção dos DJ's e o “QG” da organização, com os MC's em baixo do coreto e o público ocupando um espaço maior da praça, à frente. As adaptações do Batalha quanto aos espaços são movimentos táticos, pois a partir do momento que a configuração desses espaços possibilitou criar uma nova forma de ocupação quanto ao uso – que é a realização das batalhas de rima – o movimento cultural se moveu na busca de qualidade e conforto para os eventos.

- Aceitar e fazer, pela cultura.

Ainda sobre adaptação, podemos destacar o fato da Batalha das Gerais por muitas vezes não conseguir fazer o uso dos espaços públicos desejados e solicitados ao poder público, optando por realizar suas manifestações em outros espaços, muitas vezes afastados do centro, e em sua maioria sem a estrutura e configuração ideal para que o evento acontecesse. Aceitar realizar seus eventos em outros espaços, que não os solicitados, fazendo da forma que é possível e com os recursos disponíveis, é também um movimento tático realizado pela Batalha.

Pensando nessas movimentações, destaco parte da fala de Jordânia em nossa conversa, em que ela fala da importância e parte da perspectiva dela quanto ao ato de realizar as Batalha:

Em vários lugares que eu chego, em vários rolê que eu dou, em vários tramos que eu faço, eu agradeço ao rap, eu agradeço ao hip-hop, porque ele que me formou e ele que salva a minha vida. Assim, sempre véi! Sempre! Então eu acho que a Batalha é esse lugar pra mim! É um lugar que eu volto pra entender assim, que tudo isso vale a pena, mano. Que a gente está sempre sendo espelho, e que a gente está sempre se espelhando em alguém, e que essa troca é saudável, fragra mano, e que tudo isso que a gente construiu faz a diferença em várias vidas, e é isso mano. Eu fico vendo a galera, tipo uma galera aí da cidade agora, que já é tipo maior de dezoito anos, que ia e que colava, e que era molequinho, que era molequinha, e que agora tá meio que tomando a frente do bagulho, que tá gravando, que tá participando de movimento social, que tá militando, e é sobre isso mano, tá ligado? Querendo ou não, nós temos uma participaçãozinha nesse bagulho (...). (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

- O som sempre emprestado.

Quando se trata da vontade de fazer acontecer, a vontade de realização, todo e qualquer aparato ou ferramenta é bem vindo e muito bem utilizado, muitas vezes extrapolando seus limites quando se trata do seu uso. A Batalha das Gerais começou com uma

caixa de som doméstica que funcionava à bateria, e até a roda de rima se configurar palco, por ali já passaram amplificadores de guitarra, caixas acústicas, e a semelhança que esses aparatos carregam é que eram todos emprestados. Na época, vez ou outra quando o empréstimo das caixas que fariam ecoar os instrumentais não estava certo, havia toda uma mobilização para garantir que alguém emprestasse essas caixas de som. Quando o movimento começou a usar microfones, o DogDu tinha um microfone dinâmico que se tornou o “mic da batalha”, e o outro microfone era também emprestado. Em meio a todas essas movimentações táticas para fazer com que a Batalha acontecesse, algo que se tornou típico foi pedir a um bar das redondezas que nos emprestasse uma mesa para que fosse colocado o notebook e a controladora dos Dj's, ação que ainda é feita nos dias de evento em praça, outro movimento tático feito pela Batalha.

- Escolha do espaço como palco.

Escolher qual espaço da praça ocupar e que parte daquele todo atenderia melhor à configuração da Batalha, no sentido de obter a melhor qualidade em relação a o que o espaço tem a oferecer, pensando nele como um espaço de projeção, disseminação e trocas, é um movimento tático feito pela Batalha das Gerais.

Muitas vezes o que direcionava onde seria feita a roda, eram os pontos de energia disponíveis na praça e se o acesso a esses pontos estava ativo. Na Praça Minas Gerais, as primeiras Batalhas não usavam energia elétrica e eram pautadas sob a bateria das caixas e do notebook, com a ocupação do gramado, um ponto de energia encontrado em um buraco em meio da grama era o ponto usado. Na Praça Gomes Freire, havia um ponto acessível ao lado do coreto e outro dentro de um "alçapão" na parte superior da praça, que faz anexo com a Rua Barão de Camargos. Houve situações em que não era possível usar o ponto de energia próximo ao coreto, pela inexistência de tomadas, e a Batalha era feita na parte superior da praça. Após a última reforma do Jardim, nas últimas duas edições feitas em 2022, os pontos de energia usados foram retirados de dentro do coreto.

Seguindo esse pensamento de decidir qual espaço seria o palco, em paralelo com a questão de fazer do espaço que se tem um palco, pensando ainda nos movimentos táticos de Certeau (2014), destaco essa fala da Jordânia em relação à transformação do ambiente em um lugar de pertencimento, que é também um movimento tático. Jordânia relembra:

E aí eu recorro ao primeiro momento da batalha que acontecia na Praça MG. Uma pessoa negra, periférica que chega ali e vê o movimento que é da sua cultura, que foi construído pelo seu povo, acontecendo naquele espaço, aquele espaço já passa a ter um outro lugar de significado pra essa pessoa, você entende? Então nesse sentido a Batalha da Gerais foi um movimento de pertencimento, em que a juventude negra, em que a juventude periférica estava no centro e se sentia parte daquele lugar, se sentia parte da construção daquilo. E para além de uma coisa que é subjetiva do sentimento é a questão da narrativa. Uma boa ideia que é trocada no microfone, uma boa ideia que é dada ali. Uma disputa saudável que acontece, né? É também cultural do movimento hip-hop. Essa questão da rinha né véi, da treta assim, de um querer ser melhor que o outro e colocar isso na rima, isso é cultural flagra, porque o bagulho nasce em briga de gangue assim, lá nos Estados Unidos, tipo hip-hop ele se constrói como uma alternativa às brigas de gangue. Então as gangues estavam brigando entre si ali, através do fogo, da violência, eles começam a brigar através da música. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Ainda sobre os espaços, agora voltando os olhares para a Praça Gomes Freire e como a Batalha das Gerais a partir de seus movimentos táticos para realizar seus eventos e criar na praça um espaço para o hip-hop, modificou os ambientes em que ocupou. Jordânia cita:

Mano, eu acho que tipo assim, sobre tudo é essa questão sabe. O jardim sempre foi a praça da cidade, as pessoas sempre se encontraram no jardim fraga, isso não se modificou, mas eu acho que a postura das pessoas com relação ao espaço, ela modifica, tá ligado, de entender esse espaço também é meu, esse espaço eu também posso ocupar ele. A questão do conhecimento né véio? Eu fico pensando nisso. Quantas galeras a gente viu molequinho, molequinho assim, tipo começando lá e que cresceu, que estudou, que trampou, que se formou, que tá no corre, tá ligado? E que continua produzindo rap, que continua dentro da cultura, que continua trabalhando em outras coisas, mas que passou a ter uma consciência do espaço mesmo assim, de entender “mano, esse espaço é meu”. “Mano esse é um lugar que eu posso ocupar”, “mano isso é uma ideia que eu posso trocar”, então assim, eu acho essa palavra meio problemática porque tem muito a se discutir sobre ela ainda, mas eu acho que é o empoderamento mesmo da juventude, fraga, de se perceber no espaço e ocupar ele. Entender que é dele também e que estar naquele lugar não é errado, tá ligado. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

- Ocupar por ocupar.

A iniciativa de criar e colocar em prática uma movimentação independente para ocupar um espaço público com cultura, é outro movimento tático feito pela Batalha. Os espaços de socialização muitas vezes são “receitas prontas”, eles estão onde estão, podendo se manter inertes, e são modificados e transformados a partir das interações sociais desenvolvidas ali. Seguindo a linha dos movimentos táticos, quando a Batalha toma a praça para si – em primeiro momento sem possuir uma autorização ou alvará – e cria um espaço de disseminação da cultura periférica, de música, de performance, de hip-hop, ela executa um

movimento tático, extrapolando as conjunturas do espaço e indo além do que a praça oferece. Assim como pontua Pedro Souza:

É extremamente importante que as ações da cultura hip-hop entre outras culturas voltadas ao nosso segmento, a nossa história preta e a nossa ancestralidade, aconteçam no centro da cidade, até pra poder contribuir para a quebra dos paradigmas e estigmas que ainda envolvem a nossa cultura. A gente sabe que existe um processo de higienização que por diversas vezes tenta retirar do centro histórico tudo aquilo que não representa toda a construção social, dita pela sociedade que pertence aquilo, ou que no imaginário de muitas pessoas pertencem aquilo. Então é um ato de resistência o acontecimento da Batalha, dentro do centro histórico e pra nós que moramos numa cidade extremamente tradicional e conservadora, esses atos são extremamente resistência, porque é muito difícil se tocar o funk, se tocar o rap se tocar o hip-hop, justamente porque o rap e o hip-hop e o funk denunciam, são músicas que denunciam muitas vezes as injustiças sociais e que muitas vezes são difíceis de dizer em praça pública e o movimento rap ele faz isso. Né? Então eu acho que é de extremamente importante manter sim, óbvio, mas também apropriar-se de outros espaços da cidade que não são tão desejados, como a Praça dos Ferroviários, Bairro Santo Antônio, entre outros aí, Cabanas. (SOUZA Pedro. Entrevista. 2022.)

- A periferia no centro.

Outro movimento tático a ser destacado é como a Batalha leva pessoas das extremidades da cidade – que em sua maioria são das áreas periféricas – para ocupar o centro, por meio de suas intervenções culturais, criando assim um polo social de interações e trocas diverso, fazendo também essas pessoas coexistirem naquele espaço que muitas vezes mantém imposições quanto a seus acessos e pertencimentos. Quando a Batalha das Gerais leva até o ponto central da cidade de Mariana uma cultura que é ativa dentro das periferias da cidade – que é o hip-hop – e raramente possui um espaço de voz dentre as diversas práticas e eventos que borbulham no centro, esse movimento faz com que quem consome e se identifica com essa cultura passe a ocupar aquele espaço, levando a periferia e os moradores das bordas da cidade até o centro – mais em específico até a Praça Gomes Freire – criando um sentimento de pertencimento entre essas pessoas. Pedro Souza comenta sobre sua perspectiva quanto a importância desse movimento dentro de Mariana:

A Batalha das Gerais tem um papel importantíssimo na preservação do movimento cultural hip-hop em Mariana. São momentos, né, que os nossos jovens e adolescentes marianenses, em especial nossos jovens periféricos, têm a oportunidade de colocar sua arte em visibilidade para todos que ali estão, né. É um momento de mostrar o talento. De botar pra fora também revolta, entendimento, cultura e tudo aquilo que muitas das vezes não se encontra espaço pra falar. Então na rima é onde o MC, ali o mestre de cerimônia, ele consegue expor às vezes o que ele pensa, expor às vezes um descontentamento também com um cenário político, por exemplo,

cenário do país. Então a Batalha dos Gerais ela tem essa qualidade mesmo de ser a preservação da nossa cultura rap e hip-hop da nossa cidade.

É muito importante a preservação da Batalha por ser a única manifestação pública nesse sentido aí, nesse segmento, e também pra gente poder cada vez mais trazer mais jovens e levar a cultura aos quatro cantos da cidade né. (...) é um momento que os nossos jovens, em especial os jovens pretos e pretas, tem a oportunidade de falar. Algo que é, infelizmente não deveria ser mas ainda é difícil, expor as suas ideias em público. Então nesse momento os nossos jovens, adolescentes pretos e pretas, pobres de periferia, é o momento que você se sente com autonomia no momento da batalha. (SOUZA Pedro. Entrevista. 2022.)

É nítida a importância desse movimento tático executado pela Batalha, de criar um polo cultural de hip-hop no centro da cidade, levando em conta que o centro é via de passagem de quem vem de todas as partes da cidade. Voltando-nos para as estratégias, que muitas vezes irão segregar quem ocupa e faz uso desses espaços a partir das forças de imposição, a ocupação desses espaços “dribla” essas imposições e faz com que elas sejam enfraquecidas.

Voltando para o surgimento do movimento de batalhas de rima a partir da criação da Batalha das Gerais, artistas locais da cena hip-hop de Mariana e região passaram a ter um lugar para disseminação de seu trabalho e para troca com outros artistas, novos talentos surgiram e muita gente foi agraciada com esse movimento, desde DJs, MCs, compositores, instrumentistas, fotógrafos e filmmakers de Mariana e região. A Batalha dá voz a um movimento de raiz preta e periférica, essa movimentação cultural cria um vínculo entre as pessoas, cria oportunidades quando se trata dos artistas, e faz com que sejam propagados os questionamentos e ideologias carregados pela Batalha das Gerais. Assim como acrescenta Jordânia:

É uma modificação do espaço desde seu surgimento, desde seu nascimento. E a gente estar reproduzindo isso, dentro de uma cidade que é tão marcada pelo colonialismo, né véi? Que tem uma população preta, assim, enorme, muito maior que uma população branca, é um divisor de águas, é um acontecimento, é um espaço educacional, tá ligado? É um espaço cultural, é um espaço artístico e é um espaço de ressignificação. Assim, é um espaço de acolhimento dessa juventude, de entender que esse espaço, ele é coletivo e que ele é mais nosso do que de qualquer outra pessoa que tem aquele espaço enquanto deles, porque quem construiu foram nossos avós, porque quem construiu foram os nossos antepassados, quem construiu foram os nossos bisavós. Então eu acho que assim, em primeiro momento unir a cultura hip-hop a uma cidade que é tão marcada pelo colonialismo, pelo racismo, é reconstruir o imaginário da juventude de alguma forma. Partindo desse tipo, da questão educacional mesmo, das pessoas se letrarem, melhorarem enquanto artistas, procurarem aperfeiçoar suas práticas enquanto rimador mesmo, enquanto técnica. Quanto a questão do imaginário mesmo. (MARÇAL, Jordânia. Entrevista. 2022.)

Iniciativas como essa levam um novo significado a um espaço que mantém uma forma de uso padrão por longos anos, e faz com que novas formas de expressão sejam expostas em um ambiente importante da cidade. Essas são iniciativas essenciais para o engrandecimento social e a criação de memória entre os envolvidos neste movimento cultural. Um espaço criado sem o intuito de disseminar o desenvolvimento intelectual, e vazio de valores que contribuem de forma positiva, sendo incisivos nas discussões e pautas vividas durante o cotidiano, passa a ser criado e transformado constantemente a partir do simples uso e apropriação do espaço. A cultura periférica vai até o centro ocupar com sua subjetividade e experiências um outro espaço, se tornando parte dele, legitimando sua realidade e vivência, pois aquele é um espaço que oferece um padrão semiótico e empírico, e o indivíduo modifica e dá sentido a tudo isso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o espaço público da Praça Gomes Freire e o movimento cultural Batalha das Gerais, nos voltando para seus usos, consumos e significados, fica claro que os bens culturais dentro dos ambientes vão além dos modos de ocupação espacial e registros estatísticos, eles se tornam formas como seus usuários desenvolvem e fazem acontecer os mais diversos modos de vida particulares, criando relações – pessoas e interpessoais –, costumes e as mais variadas formas de vida cotidianas, ou seja os fatos a partir das práticas passam a ir além de dados de registro para provar a existência dos objetos em questão, englobando tudo o que é carregado dentro desses bens culturais e dessas práticas.

Observando as formas de expressão culturais, é possível criar um contraponto entre o que é produzido pelos participantes e consumidores de um movimento – de forma simbólica ou mesmo física – e o que é produzido a partir do consumo de um meio cultural industrial como a TV ou o rádio. Ainda sobre a televisão, existe um distanciamento entre o produto e o espectador, não há interação direta ou contato – a menos que a própria programação permita tal feito –, o espectador se torna refém da programação imposta, a qual é feita para seguir um formato pensado que muitas vezes pode ser encaixotado, passageiro, não durável, feito para ser consumido naquele momento e só. Dentro da cultura vivida fora das telas, temos o cotidiano em sua mais pura essência e a vida que ali respira, e um ponto importante dentro desse paralelo feito entre as formas de consumo é: “O que a cultura nos possibilita produzir”.

Na cultura, presente no cotidiano e nos traços de vida de uma sociedade, as formas de análise deixam de ser quantitativas e passam a ser voltadas para as práticas e operações próprias do movimento cultural. O participante integra as forças e poderes ali desenvolvidos e estabelece não só a existência do movimento, mas também a sua própria; assim, o espectador tem espaço para si. O cotidiano é, em grande parte, regido pelo o que é consumido e disseminado dentro dos espaços, em suas diversas bolhas e nichos, e entender as formas de consumo e o quanto isso influencia na vida das pessoas dentro desses espaços é também entender as buscas e anseios por trás das forças e imposições para que sejam ocupados os lugares dentro da sociedade.

A Batalha das Gerais, como visto ao longo desta monografia, reivindica o espaço da Praça Gomes Freire como um espaço de batalha e da Batalha. O movimento torna legítimo o fato de que aquele é um espaço em potencial para a disseminação da cultura periférica, a partir do hip-hop e das batalhas de rima. A disputa em questão é por um lugar público que

consiga agregar ao movimento cultural – seu próprio –, fazendo com que o grito do movimento seja ouvido, e seja ouvido da melhor forma.

Em Mariana, uma cidade que borbulha cultura, mas segue carente de incentivo, acostumada com o “mais do mesmo” e à mercê de inúmeras barreiras que insistem em manter o tradicional, retomo o que já citei no capítulo 2 deste trabalho: “Todo modo de expressão que foge aos olhares costumeiros gera desconforto, ou pode gerar encanto, caso haja a abertura para que sejam entendidas as nuances de cada discurso”. A Batalha, a partir de suas batalhas de rima e do hip-hop – com o MC, com o DJ, com o conhecimento – busca somente seu espaço, que é público e central, para ocupar com sua cultura periférica, e o espaço o qual é reivindicado é o do Jardim.

A partir das análises feitas sobre as formas como o movimento cultural transita pelos espaços públicos e articula suas movimentações quanto à organização e formas de ocupação, é possível classificar a Batalha, a partir do par conceitual *estratégias e táticas*, de Certeau (2014), como um movimento que pauta suas ações e forma de ocupação dos espaços a partir das *táticas*. Entretanto, vimos também como a BDG articula, internamente, movimentos estratégicos. como as formas de comunicação e as alianças estratégicas, e, além disso, se firma fortemente nas movimentações táticas, quando faz a adaptação aos espaços de uso, aceita fazer pela arte e pela cultura com o que tem, e faz a escolha dos espaços ideais para seu palco, ocupando por ocupar e levando a periferia até o centro.

Outro aspecto apontado neste trabalho, em relação às *estratégias e táticas* (CERTEAU, 2014), diz respeito à força da Batalha das Gerais, quando se trata da reivindicação do seu espaço, a partir da união das pessoas – jovens, egressos de uma cultura periférica, jovens pretos e pretas, e também universitários – que se identificaram e se enxergaram nesse movimento, se sentindo parte dele e fazendo com que ele sobrevivesse e atravessasse todos esses anos. Acredito que no início, no momento de criação desse movimento, poucos eram os que tinham em mente o poder de reivindicação, a proporção que essa iniciativa tomaria e a importância de um movimento com os ideais e raízes carregados pela Batalha para a cidade. Todos sabiam que haveria barreiras – quem vem de *quebrada* sabe – mas a disposição para quebrar as imposições foi maior, a vontade de viver o hip-hop foi maior, e foi isso que fez com que essas forças e imposições contrárias enfrentadas fossem dribladas até então.

Esse movimento cultural *tático*, batizado de Batalha das Gerais, com seus 9 anos de existência – completados em 26 de março de 2023 – em sua intensa busca por um espaço

próprio, em constante adaptação e persistência, foi a casa de Djonga, um dos maiores *rappers* que o Brasil tem em sua atualidade, e foi também a casa de DogDu Beat\$, *beatmaker* referência em Minas Gerais junto da sua banca INTACTOZ, com o Sidoka. A Batalha das Gerais, esses nomes e muitos outros artistas que compõem o cenário musical voltado para o rap em Mariana, são o estopim para o surgimento de diversos talentos com um grande potencial, e esse movimento é o único espaço de projeção e disseminação da cultura hip-hop da cidade. É a cultura de rua, na rua.

Desde sua criação, a Batalha das Gerais já teve em sua equipe diversas pessoas atuando nessa busca de manter vivos o hip-hop e o movimento de batalhas de rima em Mariana. Hoje em sua equipe, o coletivo conta com nove membros – Jordânia Marçal, Thamira Bastos, Pedro Mol (Rich Braza), Vinicius de Araujo, Fernando Alberto (Djahpa), Paulo Sérgio (Paulean), Gabriel Silva (Ravi), Estevão Martins (Young Steve King), e Julia Siqueira – e continua sua luta pela reivindicação de realizar as batalhas de rima no Jardim. No ano de 2023 ainda não aconteceu nenhuma edição da Batalha das Gerais, e o que o movimento cultural tem, até então, é o planejamento de eventos e datas para todo o ano e uma reunião feita no dia 15 de março de 2023 com a Secretaria de Cultura de Mariana, que atualizou o coletivo sobre o novo processo burocrático a ser feito no atual momento.

Através das análises feitas neste trabalho, pautando como os espaços públicos de Mariana exercem – de forma direta e indiretamente – inúmeras imposições políticas e tradicionais a partir de seus usos – que deveriam ser livres –, fica nítido como existe uma constante reelaboração de sentidos, muitos deles marcados pelo tempo colonial. Essa reelaboração parte do pressuposto de viver outra ótica dentro desses espaços, de transformar lugares que abrigam monumentos erguidos sob métodos de escravidão em espaços que deixem de ser “da cidade”, e passam a ser espaços “da população”, espaços de disseminação da cultura vivida por quem faz parte da cidade no presente.

É importante ressaltar o quanto o hip-hop, em seu caráter global-local, de forma direta e indireta, é o agente que dá voz à periferia e possibilita que através dele sejam reivindicados direitos, como o de ocupar espaços públicos em prol da criação de um cenário cultural. Este é um movimento que está em todo lugar, e voltando-nos para a cidade de Mariana, a Batalha das Gerais, através do hip-hop, faz o mesmo trajeto por meio desse movimento.

Estar presente durante a trajetória da Batalha das Gerais e ter encontrado os diversos artistas com quem pude ter contato através deste movimento foi algo que contribuiu imensamente para minha formação como DJ, produtor musical, e agora, através deste trabalho

de conclusão de curso, como um comunicador social. Terminei essa monografia com o registro que, dentre as diversas fotos da Batalha é um dos meus preferidos, onde nele estão Jordânia, Pedro Mol, eu e DogDu, em mais uma das várias noites de hip-hop proporcionadas pela Batalha das Gerais na Praça Gomes Freire.

Figura 6 - Parte da equipe de produção e DJ's da Batalha das Gerais.



Da esquerda para a direita: Jordânia Marçal, Pedro Mol, Djahpa (Eu), DogDu.

Foto: Paulo Sergio/AIDIAX (2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Elaine Nunes de. Hip-Hop: Movimento Negro Juvenil. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (org.). O Rap e Educação - O Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.
- CAMPANARO, Priscila Kikuchi. **BRANQUITUDE E RELIGIÃO: Uma análise autoetnográfica sobre ser uma mulher branca no candomblé.** 2021. Revista Mandrágora, S.Paulo. v. 27, n. 2, 2021. P. 91-113. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/1036468>. Acesso em: 13 de fevereiro, 2023.
- CORAÇÃO, C. R.; CARNEIRO, F. D. B. **De quem é a Praça Gomes Freire?:** As disputas simbólicas no espaço Jardim e as representações da imprensa de Mariana-MG. Logos, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 70-85, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/35877>. Acesso em: 24 de maio, 2022.
- CERTEAU, Michel de. **“A invenção do cotidiano. 1.As artes de fazer”**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 21. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ªED.2008. Editora Atlas S.A. São Paulo.
- JACOBS, Jane. **“Morte e vida das grandes cidades”**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- JOSGRILBERG, Fabio B. **“Cotidiano e invenção. Os espaços de Michel de Certeau”**. São Paulo: Escrituras, 2005.
- JUSTO, Fabiana Correia. **Letramentos em espaços não escolares: o movimento hip-hop em Ouro Preto.** 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.
- MARÇAL, Jordânia. Jordânia Marçal: Entrevista [Set. 2022]. Entrevistador: Alberto, Fernando. Fernando Alberto Silva. Mariana (MG), 2022. Entrevista concedida via meet.
- MARQUES, Gustavo Souza. **O SOM QUE VEM DAS RUAS - Cultura hip-hop e música rap no Duelo de MC.** 2013. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- MORICEAU, Jean-Luc. **“Afetos na pesquisa acadêmica”** [recurso eletrônico] / Jean- -Luc Moriceau. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/ UFMG, 2020.
- MARQUES; MENDONÇA; PESSOA. Apresentação In. MORICEAU, Jean-Luc. **“Afetos na pesquisa acadêmica”** [recurso eletrônico] / Jean- -Luc Moriceau. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/ UFMG, 2020. p 12, 14.
- SANTOS, Silvio Matheus A. **O método da etnografia na pesquisa sociológica: atores,**

perspectivas e desafios. Plural, v. 24, 2017.

SOUZA, Pedro Henrique da Paixão: Entrevista [Set 2022]. Entrevistador: Alberto, Fernando. Fernando Alberto Silva. Mariana (MG), 2022. Entrevista concedida via whatsapp.

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva.** Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2004.

Menção honrosa N° 50/2017, assinada em 30/10/2017, por GERSON TEIXEIRA DA CUNHA. Disponível em: <http://www.camarademariana.mg.gov.br/legislacoes/10326/>. Acessado em: 17 de fevereiro, 2023.

BRASIL. Projeto de Lei N° 160/2013, 25 de Novembro de 2013, Camara Municipal de Mariana. Disponível em <http://www.camarademariana.mg.gov.br/legislacoes/8969/>. Acessado em: 17 de fevereiro, 2023.

BRASIL. LEI N° 2.805/2013, 26 de Novembro de 2013. Institui no Município de Mariana a Semana Municipal da Cultura Hip Hop. Prefeitura Municipal de Mariana. Disponível em: <http://www.camarademariana.mg.gov.br/legislacoes/4170/>. Acessado em: 17 de fevereiro, 2023.

Página do Facebook: Batalha das Gerais. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadasgerais/photos>. Acessado em: 4 de abril, 2023.

Página do Facebook: Evento “Batalha das Gerais”. Vídeo postado por Thamira Bastos. Disponível em: <https://www.facebook.com/thamira.bastos/videos/799821406766180/?idorvanity=427034664128461>. Acessado em: 4 de Abril, 2023.

Página do Facebook: Batalha nas Gerais. Disponível em: <https://www.facebook.com/1493389127623885/photos/pb.100070651613218.-2207520000./1504821619813969/?type=3>. Acessado em: 4 de abril, 2023.